



**IS CET – INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS
EMPRESARIAIS E TURISMO**

Crestuma, património e turismo industrial

Daniela Raquel Ferreira dos Santos

Porto

2015/2016



Dissertação para obtenção de Grau de Mestre em Turismo e Desenvolvimento de Negócios.

Orientador: Professor Doutor Jorge Ricardo Pinto

*“Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória
não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir.”*

José Saramago

Agradecimentos

A paixão pela Terra que me viu nascer e pela sua história e identidade tornaram a realização deste projeto num sonho realizado. No entanto, não posso deixar de referir as pessoas que acreditaram e contribuíram para este trabalho.

Honras maiores vão para os meus pais que sempre fizeram de tudo para que hoje eu chegasse à fase final deste mestrado, pelo incansável e incondicional apoio e encorajamento desde sempre. À minha família e amigos.

Ao Professor Jorge Ricardo Pinto pela excelente orientação que, incondicionalmente, me amparou durante o desenvolvimento desta investigação, por toda a sua dedicação, confiança e sobretudo pela amizade que construímos ao longo destes anos. Ao ISCET em geral, aos meus colegas do CHIP, ao Dr. Mário Bruno Pastor pela partilha de conhecimentos e pela cedência de bibliografia.

Ao Senhor Alberto Moura, pelo apoio, partilha de saber e vivências e pela amizade que construímos. À Associação Crastumia pela amizade e incentivo para este trabalho. Aos Crestumenses, pelo apoio, carinho e informação disponibilizada.

Ao Solar Condes de Resende na pessoa da Dr.^a Fátima Teixeira e a todas as instituições onde dediquei a minha pesquisa.

E porque os últimos são os primeiros, agradeço a alguém muito especial que muito me ajudou ao longo destes anos. Daniel o meu muito obrigado pelo carinho, atenção, companhia e pela paciência. Obrigada também à Ritinha e ao Guilherme que são a minha força e a minha alegria.

Crestuma

Só sei o dia em que vim,
Não sei porque foi aqui
Porque vim sem endereço.
E eu, que não era de mim,
Tão depressa me nasci
Fui logo teu desde o berço!
Fui logo teu... nem me lembro
Ter sido, por terras mil,
Doutro rio, doutras casas!
Onde ao longe houver dezembro,
Há sempre um ninho de abril
Debaixo das tuas asas!

Terra amada, onde nasci
Onde brotei a cantar
Para a sede doutras bocas:
-Tu és minha, e eu sou de ti!
Voamos os dois a par,
Minha terra de asas loucas!

Minha terra!... Minha terra!...

Um dia sei que te falto

E tu sabes que me perdes:

- Quem depois, do rio à serra,

Voará contigo ao alto

- Minha terra de asas verdes!?

Eugénio Paiva Freixo

Resumo

O património de Crestuma, o caso de estudo abordado neste projecto de investigação que procura identificar e caracterizar o legado industrial de um conjunto de fábricas e estruturas de carácter produtivo no território junto à foz do Uíma. Este projeto tem como objetivo fundamental alertar para os riscos que esse património corre e sublinhar a necessidade urgente da sua preservação, tendo em conta que poderá constituir uma oportunidade para o desenvolvimento local, através do turismo. Assim, foi realizado um levantamento desses recursos, com fichas de caracterização e contexto geográfico. Por fim, foi ainda elaborada uma rota de Turismo Industrial, combinando o património material com o imaterial e oferecendo uma possibilidade de descoberta de um território ainda por explorar e com escassos trabalhos monográficos realizados.

Palavras-chave: Crestuma, Indústria, Património Industrial e Turismo Industrial, preservação.

Índice

Agradecimentos.....	3
Crestuma.....	4
Resumo.....	6
Índice de figuras.....	10
Índice de tabelas.....	11
Lista de siglas e acrónimos.....	12
Capítulo I.....	13
1.1 - Introdução.....	14
1.2 - Enquadramento.....	16
1.3 - Metodologia.....	18
Capítulo II.....	22
2.1 - Arqueologia e Património Industrial.....	23
2.2 - Património e Turismo Industrial (casos de estudo).....	40
2.2.1 - Espaços Convertidos.....	42
2.2.2 – Rotas.....	44
Capítulo III.....	46
3.1- Estudo de caso de Património Industrial: "Crestuma".....	47
3.1.1 - Crestuma: evolução histórica e industrial.....	47
3.1.2 – Localização.....	51
3. 1. 3 - Crestuma evolução Industrial.....	54
3.1.4 - As Fábricas.....	55

3.2. Património Industrial Perdido de Crestuma.....	65
3.3 Turismo em Crestuma.....	67
Capítulo IV.....	70
4.1 - Proposta de desenvolvimento – Rota	71
4.1.1 - Missão e objectivos	71
4.1.2 – Contextualização	71
4.2 – Mapa da Rota	72
4.2.1 – Pontos	72
4.3 - Fichas de Património	73
a) Parque Botânico do Castelo	73
b) Fábrica de Fundição de Rufino José dos Santos.....	75
c) Sociedade de Fundição e Metalurgia, Lda	77
d) Fábrica de fitas e fiação d´algodão AC Cunha Morais	79
e) Manuel Tavares & Irmão (fábrica do Tavares).....	83
f) Barbosa & Irmãos.....	85
g) M. Guedes da Silva, Lda	87
h) Companhia de Fiação de Crestuma	89
Notas conclusivas.....	93
Bibliografia.....	95
Livros e artigos	95
Webgrafia	98
Inquéritos, jornais e anuários.....	99

Anexos	101
Anexo I	102
Anexo II	107
Anexo III	112
Anexo IV	113
Anexo V	115
Anexo VI	118

Índice de figuras

Ilustração 1 - Aqueduto e torre de fundição de Nova Oeiras, anos 1960.....	25
Ilustração 2 - Mina de Sal de Wieliczka, Polónia	31
Ilustração 3 – Museu da Água.....	42
Ilustração 4 – Vista exterior do Ecomuseu do Seixal.....	43
Ilustração 5 – imagem de marca da Rota de Turismo industrial de S. João da Madeira.....	44
Ilustração 6 – edifício do “Bairro operário” de Poblenu.....	45
Ilustração 7 – interior do edifício	45
Ilustração 8 – barcos rabelos no Rio Douro, em Crestuma, por volta de 1895 - 1900.....	48
Ilustração 9 – mapa com localização geográfica de Crestuma.....	51
Ilustração 10 – gradeamento em ferro fabricado na antiga fundição de Crestuma	57
Ilustração 11 – cartão de identidade de sócio do sindicato, 1957	61
Ilustração 12 – Crestuma, ano 1943	62
Ilustração 13 – uma das últimas feiras realizadas no lugar do Torrão, Crestuma, s/d.....	63
Ilustração 14 – anúncio publicitário da fábrica de Augusto Guedes Barbosa...	66
Ilustração 15 – anúncio publicitário da fábrica de fundição de metais, Crestuma	66
Ilustração 16 – anúncio publicitário de fábrica de painéis de ferro em Crestuma	67
Ilustração 17 – mapa da Rota	72
Ilustração 18 – Parque Botânico do Castelo, Crestuma – casa da Eira.....	73
Ilustração 19 – foto centenária da fábrica do Rufino, ano exato desconhecido	75

Ilustração 20 – edifício da antiga fábrica em obras	76
Ilustração 21 – vista do edifício na atualidade.....	76
Ilustração 22 – Sociedade de Fundação e Metalurgia, SOFUME em ruínas	77
Ilustração 23 – anúncio publicitário da SOFUME	78
Ilustração 24 – Fim das construções da fábrica, 1890.....	79
Ilustração 25 – Anúncio publicitário A.C. da Cunha Morais, Crestuma	80
Ilustração 26 – Interior da fábrica do Tavares, 2015.....	83
Ilustração 27 – anúncio publicitário da fábrica de papel e cartão	84
Ilustração 28 – exterior da fábrica, 2015	85
Ilustração 29 – anúncio publicitário da fábrica Barbosa & Irmãos	86
Ilustração 30 – interior da fábrica, ano de 1975.....	86
Ilustração 31 – fábrica M. Guedes da Silva em ruínas	87
Ilustração 32 – anúncio publicitário da fábrica M. Guedes da Silva, Lda	88
Ilustração 33 – vista da Companhia de Fiação de Crestuma.....	89
Ilustração 34 – Inauguração do Busto do Comendador Pimenta da Fonseca no exterior da CFC, 1917.....	92

Índice de tabelas

Tabela 1 – fontes para o estudo do Património Industrial.....	21
Tabela 2 – classificação do Património Industrial.....	34

Lista de siglas e acrónimos

AAIRL – Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa

APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial

APPI – Associação Portuguesa para o Património Industrial

DGPC - Direção Geral do Património Cultural

HPIP – Património de influência Portuguesa

ICOM – International Council of Museums

ICOMOS – Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

ISCET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e Turismo

PDM – Plano director Municipal

SIPA – Sistema de informação para o Património Arquitetónico

TICCIH – The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage

UNESCO – organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

Capítulo I

1.1 - Introdução

Pretende-se, numa primeira fase, a realização de uma abordagem teórica relacionada com o Património e o Turismo Industrial que servirá como base orientadora do estudo de um caso específico.

O surto industrial da primeira metade do século passado, embora localizado junto das grandes cidades, deixou, ao longo das décadas mais recentes e de forma vincada, marcas profundas no território e nas pessoas. São estruturas diversas que determinaram em tempos alterações profundas, muitas vezes ainda hoje visíveis, na organização territorial dos lugares com a fixação de agregados populacionais, com a criação e exploração de vias de comunicação, com o aproveitamento exaustivo dos recursos naturais, sem esquecer, para o bem e para o mal, a alteração, por vezes determinante, da condição ambiental. Para além da alteração económica da vida quotidiana, o surto industrial determinou uma profunda alteração sócio cultural tanto em termos individuais como coletivos.

Este projeto visa, cima de qualquer outro objectivo chamar a atenção para a necessidade de se preservar, valorizar e partilhar o muito património industrial ainda existente em Crestuma, que é marca pedagógica e cultural de uma época que terá iniciado com a revolução industrial dos finais do século XVIII e que foi determinante na mais profunda alteração no progresso social e cultural dos portugueses.

A estrutura deste projecto de mestrado está organizada em quatro capítulos.

O primeiro circunscreve-se à introdução e inclui o enquadramento, a justificação da investigação, bem como a metodologia.

O capítulo dois explora as questões teóricas em torno do património e do turismo industrial.

No capítulo três é abordado o estudo de caso da investigação, Crestuma. Neste ponto será realizado o enquadramento histórico e territorial e seguidamente uma caracterização em relação ao passado industrial e ao legado por ele deixado.

Por fim, o capítulo número quatro abarca a proposta de desenvolvimento deste projecto com a elaboração de uma rota para o local.

1.2 - Enquadramento

“Curiosidade, criatividade, disciplina especialmente, paixão são algumas das exigências para o desenvolvimento de um trabalho baseado no confronto permanente entre o desejo e a realidade.” Mirian Goldenberg

Se a curiosidade leva à descoberta e esta ao conhecimento bastará aliar uma grande vontade e alguma habilidade para se produzir, minimamente, um trabalho credível e objetivo. Se a tais pressupostos se juntar uma forte determinação fruto da grande paixão que se nutre pelo seu rincão natal, pela sua dedicada gente e pela riqueza da sua ancestral história, a motivação para executar a tarefa será, inevitavelmente, mais fácil e mais rica nos seus resultados.

Assim, Crestuma, terra milenária com condições turísticas de eleição no que concerne à sua beleza paisagística, será o objeto desta investigação e sobretudo focalizada na sua vertente industrial. A diferentes escalas, Crestuma, teve, no seu passado, uma posição marcante no que à indústria diz respeito. Vila Nova de Gaia foi mesmo considerada um dos mais diversificados centros industriais portugueses no período Fontista¹ e Crestuma para isso contribuiu de forma determinante. Como Gonçalves Guimarães afirma *“ainda existem muitas estruturas, vestígios e peças das suas fábricas e oficinas. Mas tal ambiente fabril não tem sido objeto de muitos trabalhos de Arqueologia Industrial, restando pois grande parte deste espólio por estudar”*. (Guimarães, 1995:225)

Os documentos históricos e muitas das estruturas construídas que ainda perduram, embora a sua degradação permaneça incontrolável, são demasiado valiosos para serem desprezados. Aos proprietários, herdeiros, aos responsáveis das instituições públicas e

¹ Fontismo – partido político e doutrina económica de Fontes Pereira de Melo. O período em que Fontes Pereira de Melo foi ministro das obras públicas, comércio e indústria, a Regeneração (1871-1887), e que marcou o país com várias acções de modernização do país, ao nível de obras públicas e infra estruturas e no desenvolvimento dos transportes. In Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – volume XI – editorial enciclopédia, Limitada. Lisboa – Rio de Janeiro (1833-1983).

mesmo à população torna-se necessário alertar para a necessidade de preservação de tão precioso espólio histórico. Desde imóveis, alguns de significativa imponência, a produtos fabricados, de maquinaria da época, a estruturas de apoio industrial, passando pelo fabrico e transporte de mercadorias, como caminhos e cais fluviais de embarque e, ainda, escritos e imagens que são testemunhos históricos de grande valor, muito ainda resiste, embora em frágil estado de conservação.

Para além do objetivo de despertar consciências para a riqueza cultural e histórica deste património industrial, presidiu à escolha do tema deste projecto a perspetiva futura de um aproveitamento pelo Turismo Industrial e a sua inclusão em roteiros turísticos por parte de operadores nacionais e internacionais.

O facto de recentemente ter sido confirmada por uma equipa de arqueólogos a existência de um cais fluvial tardo-romano (séc. IV) e terem sido recolhidas inúmeras peças em cerâmica da mesma época, na antiga zona industrial de Crestuma, é revelador da vocação histórica desta localidade secular no que à indústria diz respeito.

Num tempo de tantas dificuldades, quando tanto se fala de sustentabilidade, reutilização e de memória, talvez seja altura de utilizarmos o passado enquanto chave para futuro, tanto mais que Crestuma é um território periférico de uma área metropolitana com uma elevada taxa de desemprego, mas com uma crescente procura turística. Abundam recursos de arqueologia industrial e paisagens extraordinárias. Falta lapidar o diamante e preservar o bom que o concelho de Vila Nova de Gaia tem para oferecer com óbvias valias económicas e identitárias para o futuro.

1.3 - Metodologia

Toda e qualquer pesquisa necessita de uma estrutura básica antes do seu início. Esta estrutura é o desenho da pesquisa. (Vasconcelos, 2002)

Após a esquematização da investigação, foi realizada a revisão literária relativamente ao Turismo e Património Industrial em Portugal e uma retrospectiva desde os primórdios desta temática que, em alguns aspectos, se encontra ainda numa fase inicial. Em termos conceptuais, a revisão literária foi efetuada de uma forma mais genérica e abrangendo diferentes países (nomeadamente na Inglaterra e Espanha) e autores, uma vez que, em Portugal, o desenvolvimento deste tipo de turismo é ainda uma realidade muito recente e a produção científica ainda escassa. Em termos temporais foi aprofundado o século XIX e início do XX, altura que a indústria teve um papel preponderante, no caso concreto de Vila Nova de Gaia e Crestuma.

O critério utilizado para a identificação do Património de Crestuma arrancou com um levantamento das entradas na DGPC - Direção Geral do Património Cultural (disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt>), uma vez que é a entidade responsável pela gestão do património cultural em Portugal. Todavia, não foram encontrados registos para Crestuma. Seguidamente, foi consultado também o SIPA (disponível em www.monumentos.pt). Nesta ferramenta, foram encontrados os seguintes resultados:

- Capela do Aral – arquitetura religiosa;
- Casa da Quinta da Estrela – arquitetura residencial;
- Igreja Paroquial de Crestuma/Igreja de Santa Marinha – arquitetura religiosa.

Para além destas bases de dados, foi utilizado o Plano Diretor Municipal de Gaia (PDM) disponível em www.gaiurb.pt, que assinala o património edificado como sendo de interesse ao nível do Património Arquitectónico, onde constam os seguintes elementos:

- Fábrica de Fiação a Juvenil de Alves & Barbosa;

- Complexo Fabril Fiação e Tecelagem A.C. de Cunha Moraes
- Casa na Rua da Fontinha;
- Casa na Calçada de Igreja;
- Companhia de Fiação de Crestuma
- Quinta das Hortas
- Fábrica Barbosa & Irmãos
- Quinta da Estrela

O Inventário do PDM encontra-se sintetizado em fichas Individuais de classificação que contêm informação sobre o imóvel, conjunto ou sítio. Cada ficha individual, além das fotografias necessárias à identificação do Património aborda dois temas: a caracterização e o ponto de situação atual. Através destas informações conseguimos obter um conjunto de dados que nos possibilitaram um conhecimento abrangente de cada elemento inventariado.

Uma vez que a recolha de elementos identificados como recursos turísticos era escassa, foi realizada uma pesquisa ao nível de edificado com interesse histórico e industrial em Crestuma, utilizando dados e fontes primárias e secundárias. A recolha de dados foi executada no projeto de investigação denominado CHIP - Culture, Heritage and Identity in Porto, que procede ao estudo pormenorizado de todo o património identificado no Plano Diretor Municipal da área metropolitana do Porto. Neste caso concreto, foi abordado o património de Vila Nova de Gaia, do qual faz parte a herança industrial de Crestuma.

As fontes para o estudo do património industrial são diversas e complementares, permitindo, em muitas situações, a constituição de uma pesquisa mais coesa e vasta em termos de conhecimento. De acordo com Pardo Abad (2008), os tipos de fontes para o estudo do património industrial compreendem tanto as fontes tradicionais (documentais e/ou escritas) como as orais.

Tabela 1 – Fontes para o estudo do património industrial

Tipo	Elementos
Tradicionais	Arquivos históricos Livros Revistas
Complementares	Arquivos de empresa Catálogos industriais Anúncios publicitários Guias comerciais Folhetos
Iconográficas	Fotografias antigas e atuais Planos de construção e renovação de projectos
Orais	Memória colectiva Memórias e testemunhos dos trabalhadores e empresários

(Elaboração própria - Fonte: Pardo Abad, 2008: 31)

Nesta investigação concreta foram utilizados todos os tipos de fontes mencionadas por Pardo Abad (2008), embora se tenham destacado as fontes tradicionais, tais como os Anuários Industriais, Comerciais, os Inquéritos industriais, os Almanques, os jornais e documentos institucionais, uma vez que a informação é escassa e encontra-se fragmentada em diversos acervos, arquivos e bibliotecas, como será referido seguidamente. Neste sentido, consultamos o Arquivo Distrital do Porto, o Arquivo Histórico de Gaia e do Porto, a Biblioteca Pública Municipal do Porto, a Biblioteca Municipal Almeida Garrett, a Biblioteca de Gaia, a GAIURB, a Biblioteca do Solar Condes de Resende e a Biblioteca do ISCET, bem como a Junta da União de Freguesias de Sandim, Olival, Lever e Crestuma.

Ao longo da investigação deparei-me com algumas dificuldades, sobretudo no que concerne ao acesso à informação, maioritariamente no que às fontes fidedignas diz respeito. Para além desta, o acesso a informação e documentos deparou-se com obstáculos que, em muitos casos, tornaram impossível o acesso. Por outro lado, o

processo burocrático dificultou muito a pesquisa, tornando complexo aquilo que poderia ser simples e organizado.

Capítulo II

2.1 - Arqueologia e Património Industrial

O dicionário de Língua Portuguesa define a indústria como sendo *“uma actividade económica que se baseia numa técnica, dominada, em geral, pela presença de máquinas ou maquinismos, para transformar matérias primas em bens de produção e de consumo”*. (Porto Editora, 2015). À atividade industrial está associado um espaço físico para a produção, a fábrica, à qual se associam técnicas e métodos de produção específicos, bem como todos os pormenores ligados aos horários de laboração e às atividades inerentes. Neste contexto acrescentamos uma outra definição que consta no novo dicionário Lello da Língua Portuguesa que define a indústria como uma *“arte, manha ou destreza para agenciar ou ganhar a vida. Engenho ou habilidade para fazer obras úteis, manuais, mecanismos, etc, e para deles se servir. Profissão mecânica, fabril ou mercantil.”* (Novo dicionário Lello da Língua Portuguesa 1996:1042)

A materialidade técnica é um dos vestígios identitários mais importantes da História da Humanidade. Desde sempre andou associada à própria evolução, da cultura, no seu sentido lato, e das mentalidades e contextos sociais ao longo do tempo. (Folgado: 2001:65). Ainda neste contexto, Choay refere que as noções de *“monumento e cidade histórica, património cultural e urbano, e as suas figuras sucessivas fornecem um esclarecimento privilegiado sobre o modo como as sociedades ocidentais assumiram a sua relação com a temporalidade e construíram a sua identidade”*. (Choay, 2000:181).

Por forma a compreender melhor a relação destes conceitos, inicialmente será feita uma caracterização relativa à evolução do conceito de Arqueologia Industrial. Esta advém do conceito de Património industrial, isto é, da patrimonialização de estruturas relacionadas com a indústria, que começaram a ter importância após a II Guerra Mundial. O termo foi cunhado por Michael Rix em 1955, na obra *“The Amateur Historian”*, uma publicação inglesa do pós guerra que inicia a discussão sobre a herança industrial. O autor utiliza a

expressão *Industrial Archeology* para se referir ao estudo, e preservação, de estruturas fabris do início da Revolução Industrial, mas também para estruturas relacionadas com os transportes (estações de comboio; transportes urbanos, etc) e com a produção energética (centrais termo elétricas ou de produção de vapor).

É importante notar, todavia, que, em Portugal, em 1896, numa publicação de Francisco Sousa Viterbo intitulada “*Archeologo Portuguez*”, é referida de forma pioneira a necessidade de estudar e preservar os moinhos de vento em Portugal, que começavam a ficar obsoletos. O termo usado por Sousa Viterbo (*archeologia industrial*), acabou por cair no esquecimento e só na década de 50 do século XX voltou a ser utilizado por Rix: *Industrial Archeology*.

Nesse texto de 1896, Viterbo faz o reparo relativamente à degradação constante de que os moinhos estariam a sofrer: “*é com profunda saudade que vejo desaparecer pouco a pouco os vestígios da nossa antiga atividade, da nossa industria caseira. A machina vae triturando tudo no seu movimento vertiginoso, sem que mão piedosa se lembre de apanhar esses restos, humildes mas gloriosos, depositando-os depois em sitio, onde possam ser cuidadosamente estudados e onde a curiosidade lhes preste o merecido culto.*” (Viterbo, 1896: 193). A abordagem de Sousa Viterbo parece coincidir com as premissas da arqueologia industrial, lançadas efectivamente mais de meio século depois. Neste mesmo trabalho, Sousa Viterbo refere ainda que “*antes que tudo se perca irremediavelmente, salvemos pela descripção e pela estampa o que ainda nos resta, dilacerado e partido, dos antigos documentos da laboriosidade portuguesa.*” (Viterbo, 1896: 194)

Ainda em relação ao estudo da arqueologia industrial em Portugal, há outra curiosidade histórica digna de referência. A primeira fábrica classificada como imóvel de interesse histórico foi a fundição de Nova Oeiras², em Angola, no ano de 1925 (a fábrica é

² Real fábrica do Ferro, Nova Oeiras, Kwanza – Angola. Dois séculos passados, apenas subsistem ruínas, ainda impressionantes: “dois troços da represa das águas do Luíña, o aqueduto de 22 arcos de cerca de 118

de 1767). Este exemplo é o primeiro de patrimonialização de uma infra estrutura industrial no mundo, (publicado no Diário do Governo de 28 de Maio de 1925), embora de forma isolada.

Ilustração 1 - Aqueduto e torre de fundição de Nova Oeiras, anos 1960



Fonte: página institucional do HPIP

José Lopes Cordeiro, no I encontro Nacional sobre o Património Industrial definiu a arqueologia industrial como sendo uma disciplina de implementação recente e, por isso, tem-se verificado nos últimos anos, consideráveis desenvolvimentos nos estudos nesta área do conhecimento histórico, de onde se destacam trabalhos de natureza monográfica. Cordeiro, investigador de referência nesta área de pesquisa, refere ainda que, no que respeita ao inventário de monumentos e sítios de natureza industrial, tal incremento não tem sido tão significativo, excetuando, obviamente, casos isolados. *“Esta situação contrasta com o facto de a evolução tecnológica e o próprio crescimento económico (desenvolvimento industrial, crescimento urbano, expansão da rede viária) adquirem atualmente uma velocidade que cresce em progressão geométrica, de tal modo que cada*

metros de comprimento, condutor da água para mover os engenhos, um grande compartimento para as rodas hidráulicas, um forno de fundição, uma grande ferraria com três armazéns e um canal para escoar a água”. Retirado da página institucional do HPIP – Património de Influência Portuguesa. (<http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=2061>)

dia ficam mais desfasadas indústrias que até há bem pouco tempo representavam os setores mais avançados da atividade económica. Consequentemente, ficam também mais ameaçadas de destruição, correndo-se por vezes o risco de perder testemunhos insubstituíveis de uma determinada época, se não se atuar com a brevidade que a situação requer. De salientar portanto, a necessidade de inventariar este tipo de património, a fim de que ainda seja possível registar os elementos mais significativos do nosso passado industrial”. (Cordeiro: 1990:265)

Sobretudo na Inglaterra e na Alemanha, foram patrimonializadas estruturas industriais a partir da II Guerra Mundial, todavia Portugal não seguiu essa tendência. Seria necessário esperar pela Revolução dos Cravos, em 1974, para que o património industrial tivesse os seus pioneiros estudos universitários em Portugal. Conforme Cordeiro sublinha, *“em Portugal, o interesse pela arqueologia industrial despontou pouco tempo após o 25 de abril de 1974, vindo no entanto a adquirir uma expressão organizada algum tempo mais tarde, no âmbito do movimento de salvaguarda do património cultural surgido a partir de 1976. Apesar de nos últimos anos ter aumentado o interesse pela arqueologia industrial, esta encontra-se ainda numa fase embrionária”*. Devido a este atraso significativo na atenção prestada à herança industrial verifica-se, ainda hoje, uma escassez de trabalhos científicos e de investigação nestas áreas. (Cordeiro 2000: 118).

Mas em regra geral, a partir da década de 70 do século XX, o património e a arqueologia industriais passam a ser alvo de maior preocupação e atenção por parte de vários países europeus com o surgimento de várias associações que tomam a defesa deste legado, como o TICCIH, a UNESCO ou a ICOMOS.

Tendo por linha de base a UNESCO, o Património Cultural é definido como *“monumento, conjunto de edifícios ou sítio de valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico e antropológico”* (retirado da página oficial do instituto cultural de

macau). Segundo este organismo, nos monumentos estão englobadas as *“obras arquitectónicas, trabalhos de escultura e pintura monumentais, elementos ou estruturas de natureza arqueológica, inscrições, habitações rupestres e combinações de estilos que sejam de valor universal incalculável do ponto de vista histórico, artístico e científico”*; (idem) já nos conjuntos de edifícios reúnem-se os *“grupos de edifícios, separados ou contíguos, que devido à sua arquitectura, homogeneidade e situação na paisagem sejam de um valor universal incalculável do ponto de vista histórico, artístico ou científico”*. Por ultimo, os sítios *“obras efectuados pela mão do Homem ou obras combinadas do Homem e da Natureza e zonas, incluindo sítios arqueológicos, que sejam de valor universal incalculável do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico”*. (idem)

Segundo a lei de bases do património português (lei nº 107/2001 de 8 de Setembro), nomeadamente os artigos 1,3 e 4, o Património Cultural, inclui:

1. *Para os efeitos da presente lei integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objecto de especial protecção e valorização.*

3. *O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitectónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.*

4. *Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória colectiva portuguesas.*

No que refere à legislação portuguesa que trata do património cultural imóvel, sublinhe-se também a importância do decreto-lei nº 309/2009 de 23 de outubro que estabelece o procedimento de classificação dos bens imóveis de interesse cultural, bem

como o regime das zonas de protecção e do plano de pormenor de salvaguarda. O diploma entrou em vigor em janeiro de 2010, e teve várias actualizações sendo a mais recente o Decreto Lei nº 265/2012, de 28 de dezembro.

O conceito de património cultural português implica a existência de um conjunto de bens materiais e imateriais, cujo valor seja reconhecido como imprescindível para a permanência da identidade da cultura portuguesa. Por estes bens, José Amado Mendes, entende todos os vestígios de índole política, militar, diplomática, artística e religiosa. Contudo, o autor defende que, dentro do conceito de património cultural, devem ser incluídas outras vertentes atuais ou ancestrais relativas às atividades do homem, desde artísticas, científicas, tecnológicas ou que mencionem fatos de trabalho, costumes ou lazer. O mesmo autor faz referência à Lei nº 13/85 de 6 de julho, dedicada ao património cultural português, onde consta no artº 1º do referido documento que *“o património cultural português é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”*. (Mendes: 1990: 112).

Em termos conceituais, e de acordo com o mesmo autor, tem-se verificado nas últimas décadas, uma profunda transformação no conceito tradicional de património cultural. Atualmente, o património cultural é mais abrangente, e é essencialmente um reflexo da ideologia e mentalidade predominantes. Assim, não surpreende que, com a evolução histórica, o conceito de património, especialmente no que concerne à sua vertente cultural, também tenha vindo a sofrer profundas alterações. Consequentemente, urge estudar, preservar e reutilizar numerosas estruturas industriais, já desativadas, mas que apresentam potencialidades para entrarem num novo “ciclo de vida”, continuando ao serviço da comunidade. (Mendes 2000:197-198)

O mesmo autor refere que, por finais do século XIX, com uma certa valorização das artes tradicionais, alguns autores começaram também a perspectivá-las em termos de património cultural. A esse respeito, e no seguimento do que atrás foi afirmado, não deixa de ser interessante que tenha sido, precisamente a propósito de uma actividade artesanal – os moinhos –, que Francisco de Sousa Viterbo sugeriu que se criasse um novo ramo do saber – a arqueologia industrial. (Mendes 2000:199)

Património Industrial

Segundo Cordeiro, *“as destruições massivas provocadas pela II Guerra Mundial – uma vez que as instalações industriais eram um dos alvos que os bombardeamentos de aviação procuravam atingir-, e a reconversão industrial e urbanística que se lhe seguiram, constituíram dois dos aspetos fundamentais que estiveram na base do processo de formulação de um novo conceito, o do património industrial”*. (Cordeiro, 2000:117)

A expressão Património industrial surge em Inglaterra, já na década de 60 com a introdução do termo industrial heritage, por Aubrey Wilson, em 1967 num livro da sua autoria com o título *“London’s Industrial Heritage”*. A sua abordagem vai para além da história e arqueologia, juntando também a questão do património e da sua importância para o conhecimento.

As preocupações relativas ao património industrial, em Portugal, como já referido, desenvolveram-se por influência internacional, na década de 70, de onde resultam algumas iniciativas culturais direccionadas para este tipo de matéria, nomeadamente, em exposições e outras iniciativas. Destaca-se em 1985 a realização da exposição *A Arqueologia Industrial: um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender*, organizada pela AAIRL em Lisboa. Um ano após, dada a afluência à anterior, em Coimbra, Guimarães e Porto concretizou-se o I Encontro Nacional sobre o Património Industrial. Em 1988 foi

composta a APAI que sucedeu à AAIRL, primeiro organismo criado no âmbito do Património Industrial em Portugal, (1980-1986). Anos mais tarde, em 1997 surge, no Porto a APPI que e o organismo representativo do TICCIH em Portugal.

Ainda relacionado com o estudo de todos estes conceitos, é fundamental referir a carta de Nizhny Tagil sobre o Património industrial, elaborada pelo organismo *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH)³, em 2003 onde constam os principais conceitos sobre o tema que permitem o conhecimento da história local, regional e nacional. Segundo este documento, o património industrial compreende *“os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação”*. (TICCIH: 2003:3). Ainda neste documento, é abordado ainda o conceito de arqueologia industrial, que se define como *“um método interdisciplinar que estuda todos os vestígios, materiais e imateriais, os documentos, os artefactos, a estratigrafia e as estruturas, as implantações humanas e as paisagens naturais e urbanas criadas para ou por processos industriais. A arqueologia industrial utiliza os métodos de investigação mais adequados para aumentar a compreensão do passado e do presente industrial.”* (idem)

³ TICCIH é uma organização internacional direccionada para a preservação do património industrial. Foi criada oficialmente em 1978 na Suécia através de um congresso de especialistas neste tipo de turismo. Publicaram em 2003 a Carta de Nizhny sobre o Património Industrial onde os delegados deliberaram aquando da conferência do TICCIH no mesmo ano, que os edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental. Todos eles devem ser estudados, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público. Para além disso, os exemplos mais significativos e característicos devem ser inventariados, protegidos e conservados, de acordo com o espírito da carta de Veneza, para uso e benefício do presente e futuro.

Para além do TICCIH, a UNESCO tem também tratado deste tema, elencando uma lista de Património Mundial. (ver anexo I). Em 1978 foi incluído o primeiro exemplar industrial: As Minas de Sal de Wieliczka na Polónia.

Ilustração 2 - Mina de Sal de Wieliczka, Polónia



Fonte: cracovia.net

São inúmeros os casos de velhas estruturas com valor cultural indiscutível a necessitarem de intervenções de restauro e dinamização dos espaços, visando uma oferta turística de eleição, diversificada e única.

O DGPC (Direção Geral do Património Cultural), a APPI (Associação Portuguesa para o Património Industrial) e o TICCIH (The International Committee for the conservation of the Industrial Heritage), já referenciado, são exemplos de organismos orientados para a investigação e preservação dos muitos vestígios e testemunhos industriais.

Em termos de legislação nacional, a propósito do Património Industrial, verificamos uma carência de regulamentação clara no atual quadro normativo e legislativo. A única referência a esta tipologia existente na actual legislação, encontra-se na lei de bases do património, artigo 2º, no “*conceito e âmbito do património cultural*” e no ponto 3 do mesmo artigo, já transcrito acima. Em lado algum é, todavia, esclarecido o que é o património industrial nem qual é o seu significado.

Carlos Abad refere que a herança da Revolução Industrial é ampla nas sociedades desenvolvidas. A generalização do processo de produção industrial dos últimos dois séculos, embora com diferenças cronológicas importantes segundo regiões e países, criaram um conjunto abrangente de estruturas, tanto edifícios e maquinarias como territórios associados a este sistema de produção. O mesmo autor refere ainda que o abandono e o encerramento de fábricas tem sido um aspeto marcante da modernização da produção, onde muitos espaços vazios existentes, estão repletos de elementos profundos da memória colectiva das gerações passadas. E tenta ainda demonstrar que estes espaços poderiam ser recuperados e reutilizados em termos funcionais, com uma finalidade distinta daquela inicial. (Carlos Abad, 2008: 11).

A tomada de consciência da verdadeira dimensão patrimonial e da riqueza dos seus vestígios tem sido, atualmente, mais vincada, dado que as sociedades e as culturas começam a preocupar-se com a herança patrimonial que as rodeia, embora, em grande parte dos casos, o estado de degradação e vandalismo é tal que pouco resta em termos materiais do passado, perdendo-se desta forma a essência de todos estes conceitos. Há que voltar a referir que este conceito de património industrial é o mais “jovem” de todos os tipos de património dado que abarca um conjunto de estruturas, peças e máquinas que foram utilizadas, em muitos casos, recentemente. Também se caracteriza por ser muito abrangente devido aos inúmeros exemplares disponíveis nos países mais desenvolvidos (Carlos Abad, 2008: 12). De acordo com o mesmo autor, o quadro abaixo mostra a classificação do património industrial, onde é possível verificar a diversidade existente, pelo que o autor não considera apenas o espaço físico (arquitectónico), mas sim tudo o que o complementa: o espaço de fabricação, o lugar, o processo produtivo e a ocupação do território. (Carlos Abad, 2008: 15).

Tabela 2 - Classificação do Património Industrial

Tipo	Caraterização
Material	Refere-se a todos os bens materiais herdados da industrialização <ul style="list-style-type: none">• Imóvel – fábricas; oficinas; minas; colónias...• Outros materiais - Arquivos documentais; fotografias, máquinas, ferramentas, etc...
Imaterial	Refere-se a todos os bens não materiais que rodeiam a cultura industrial. Conhecimento do mundo laboral; tradições; costumes; formas de vida; saber fazer; memória do trabalho...

Elaboração própria - (Fonte: Pardo Abad, 2008: 14)

No 1º volume das atas do I encontro Nacional sobre o Património Industrial, José Amado Mendes definiu a arqueologia industrial como uma disciplina multidisciplinar por excelência, que apresenta uma vasta gama de potencialidades, residindo precisamente aí um dos seus principais aliciantes. (Mendes, 1989: 31). Provavelmente, o vetor mais vezes sublinhado é o que se refere ao contributo que a arqueologia industrial dá à história, nomeadamente à história da indústria, da tecnologia, do operariado, dos técnicos, dos empresários. Através do recurso às fontes materiais, isto é, aos monumentos industriais – minas, fábricas, hangares, entrepostos ou pontes, uma velha máquina a vapor, um barco ou um avião – é possível minimizar os perigos da utilização exclusiva dos documentos escritos. Dianne Newell escreve, a este propósito: *“os documentos escritos, que durante muito tempo foram os instrumentos privilegiados dos estudos históricos, são em si mesmos particularmente delicados, já que representam sobretudo as opiniões da minoria que num dado contexto cultural...”* (Dianne Newell citada in Mendes, 1989: 32)

Nas últimas décadas o turismo tem vindo a adquirir uma importância significativa no que concerne à sua dimensão, com impactos cada vez mais substanciais na economia mundial. Esta realidade tem aumentado a aposta na dinamização de áreas

descentralizadas, para permitir o seu desenvolvimento ao nível local e regional. E, neste sentido, o património industrial tem-se revelado um importante recurso turístico, como faz notar Cordeiro.

“Na Europa e noutros continentes, como a América do Norte e do Sul ou na Ásia, e nos quais têm sido apresentadas diversas rotas e itinerários de turismo industrial. Actualmente, o turismo industrial regista uma rápida evolução, passando de simples projetos com caráter exploratório a formas profissionais de oferta turística, com a entrada em cena de empresas procurando explorar um sector que se apresenta promissor do ponto de vista económico”. (Cordeiro, 2012: 9)

O mesmo autor refere ainda que, apesar de ser um tipo de turismo em desenvolvimento acelerado, na actualidade, *“não é, contudo, uma tarefa fácil promover actividades turísticas com base no património industrial, principalmente quando se pretende que as mesmas contribuam efectivamente para a salvaguarda do património e também para o desenvolvimento económico e social das regiões onde se desenvolvem. São conhecidos múltiplos casos de projectos fracassados, precisamente porque não foram levadas em consideração as especificidades que a utilização turística deste património requer”* (Cordeiro, 2012: 12). Na mesma linha de raciocínio o mesmo autor refere que as rotas ou itinerários têm constituído as soluções preferenciais para a atracção de visitantes a sítios industriais. As rotas podem estar organizadas de acordo com dois critérios: - o temático, que se cinge a um determinado sector de atividade industrial e o geográfico que liga os vários elementos do património industrial existente numa determinada cidade ou região. (idem)

Para Folgado (2001), a transformação da paisagem industrial é perceptível em três períodos históricos: a pré-industrialização, a manufactura e a industrialização.

Tendo por linha orientadora a obra “História da Indústria Portuguesa”, faremos uma caracterização geral acerca da evolução da indústria para melhor compreendermos onde se enquadra o caso de estudo em desenvolvimento neste trabalho de investigação.

Os autores da referida obra (Rodrigues e Mendes, 1999) afirmam que, na verdade, a história da indústria ainda está por fazer. No início da década de 60 – período em que é publicada cerca de uma dezena de estudos sobre a indústria em Portugal -, A.H. de Oliveira Marques afirmava num lamento: *«a enumeração das principais “indústrias” tem sido feita por vários autores: a olaria e utensilagem de madeira, curtumes, têxteis de inferior qualidade e confecções de vestuário, moagem, ourivesaria, metalurgia, construção naval, marcenaria, saboaria e outras menores (sericultura, tinturaria, armamento, etc.)»*. Neste contexto o autor chama a atenção para a escassez de trabalhos monográficos e de investigação para cada uma destas “artes” e refere o trabalho pioneiro de alguns autores, nomeadamente Francisco Sousa Viterbo (1845-1910), H. da Gama Barros (1833-1925), Alberto Sampaio (1841-1908), João M. Esteves Pereira (1872-1944) e J. de Oliveira Simões (1875-1944). (Rodrigues, 1999: 16).

O trabalho de investigação é por si só um trabalho árduo, o que em alguns momentos, poderá servir de justificação para a desistência ou o desinteresse no trabalho, tendo em conta dificuldade em encontrar documentação e bibliografia específica para a temática em estudo. Todavia, Oliveira Marques acrescenta que não sendo os documentos muito numerosos, o que tem falhado é sobretudo a paciência dos investigadores e o interesse pelo problema, e que a escassez de fontes não desculpa as omissões de trabalhos, *pois «quando se investiga, os resultados colhidos na documentação avulsa mostram-se compensadores do tempo despedido»*. (Oliveira Marques citada in Rodrigues, 1999: 17).

Só nos últimos anos é que se começaram a verificar alguns estudos aprofundados sobre a indústria na Idade Média em Portugal. Em termos concretos, a exploração mineira e a metalurgia, foram actividades económicas importantes neste período. (Rodrigues, 1999: 49). Mas a herança territorial pode ser ainda mais longínqua temporalmente. A serra de Valongo é um exemplo das marcas deixadas pelos Romanos aquando da sua passagem pela Península Ibérica. Nesta região há vestígios de castros onde foram encontradas mós para a moagem do minério. As explorações mineiras datam do séc. I e estenderam-se até ao séc. III d.c, das quais ficaram alguns vestígios, os fojos, as galerias e os poços. Como exemplo destacamos o fojo da Valéria, em Valongo.

No período da reconquista, a necessidade de ferro e outros metais era muito sentida, mais a sul do que a norte, nomeadamente espadas, escudos, lanças, mas também como utensílios para o dia a dia: pregos, arados, enxadas, sachos, gadanhas, foices, portões e grades entre outros. (Rodrigues, 1999: 50).

Na verdade, a evolução tecnológica até à Revolução Industrial caracterizou-se sempre por pequenos passos de muitas experiências menores. (Rodrigues, 1999: 71).

De acordo com a mesma obra, mas num texto da autoria de José Amado Mendes que aborda a indústria durante o liberalismo, na transição do século XVIII para o século XIX, a economia portuguesa apresentava uma situação relativamente desafogada e, por isso, estariam desta forma reunidas todas as condições para o arranque da Revolução Industrial. Obviamente, este contexto não se verifica em todos os países, dadas as condições de desenvolvimento díspares. Essa diferença geográfica criou um padrão territorial em que, *“os países centrais tornaram-se democracias industrializadas; aos países da periferia, contudo, com um passado histórico muito diferente, faltou o ímpeto interno para procederem a tal transformação”*. A invenção e posterior aplicação da máquina a vapor veio permitir a criação de novas indústrias, a sua libertação geográfica das

margens dos rios, e uma fabricação mais sofisticada e em números finais imensamente superiores aos verificados anteriormente. Contudo, as limitações organizativas e de investimento eram notórias, e no caso Português, por falta de capital para investimento, eram propriedade e de gestão familiar. (Mendes, 1999: 79 -80)

O desenvolvimento da indústria, mesmo ultrapassadas as contingências de natureza militar – guerra das laranjas (1801) e Guerra Peninsular (1807-1811) -, continuava a deparar-se com diversos obstáculos, no que concerne às limitações do mercado interno e à escassez de grandes aglomerados populacionais, eventualmente com a exceção de cidades como Lisboa e Porto, assim como na impreparação de técnicos e empresários portugueses da época. *“A despeito dos entraves apresentados, o ambiente industrial português foi-se alterando na segunda década de oitocentos, uma vez que a estrutura produtiva, composta por unidades de pequena dimensão, assegurava o essencial da produção de artigos de consumo corrente, desde têxteis aos vestuários e calçado, da cerâmica e do vidro aos utensílios metálicos, da habitação e mobiliário”* (Mendes, 1999: 182)

Em termos de espaços criados, destacam-se fábricas de papel na região de Lisboa, bem como em Tomar, Coimbra e Santa Maria da Feira, destacando-se nas últimas três áreas, a indústria papeleira que adquiriu importância nos últimos dois séculos. Acrescenta-se que também noutros ramos industriais se verificou um certo desenvolvimento. Assim, em 1809 foi criada a Fábrica Nacional de Fundição de Ferro e Bronze de José Pedro Collares & Filhos, em Lisboa. Manteve-se com pequenas dimensões até 1843, altura em que viria a transformar-se num grande estabelecimento.

No Porto e em Vila Nova de Gaia, situava-se outro pólo da indústria de fundição, tendo ali sido criadas, entre 1816 e 1829, trinta e oito oficinas, grandes e pequenas, com

um total de 473 operários, numa média de 12.4 operários por estabelecimento. (Mendes, 1999: 183).

A modernização tecnológica fez-se notar mais no domínio têxtil, com o exemplo vindo de Inglaterra, desde finais do século XVIII e inícios do XIX, nos restantes ramos de atividades, os reflexos da revolução industrial fizeram-se notar de forma lenta e desfasada.

A máquina a vapor, considerada como o símbolo da 1ª Revolução Industrial, desempenhou um papel fundamental na industrialização. Acerca da referida máquina, a que já se chamou «escravo mecânico», *“a invenção da máquina a vapor, fonte universal da energia motriz aplicável a todos os trabalhos industriais, marca uma fase decisiva na história das técnicas. A facilidade de adaptação deste novo produtor de forças, a sua regularidade, a sua independência de circunstâncias naturais, tais como a corrente de um rio ou a regularidade do vento, fizeram dele um escravo mecânico, por excelência. A mão e as forças do homem só tinham, em relação a ele que exercer um controlo inteligente»*. Em Portugal a máquina a vapor foi introduzida no Porto de Lisboa em 1820. (Pierre Ducassé cit. in Mendes, 1999: 185).

Devido à Revolução Liberal (1820) e a instauração do liberalismo (1834), que causaram instabilidade política, verificou-se uma quebra no ritmo da industrialização, e numa primeira fase, anos 1820 e inícios de 1830, a política económica privilegiou a agricultura e o comércio, e secundarizou a indústria (Mendes, 1999: 187). No quadro legislativo, na década de 1830 foram tomadas algumas medidas que, embora de sinal contraditório, visavam fomentar o desenvolvimento da indústria. E no que concerne à formação técnica específica esta ficaria para mais tarde, entre os anos 50 e 80, com a criação de escolas industriais, dado que apenas se contemplava a formação dos gestores industriais.

A escassez de dados estatísticos específicos por empresa, ramo de actividade ou área e região torna complexa a abordagem sobre o assunto. Contudo, relativamente aos tipos de estabelecimentos industriais, podemos falar de oficinas, manufacturas e fábricas.

As primeiras, características do sistema artesanal, são geralmente de pequenas dimensões – ocupando, por vezes, uma dependência da própria habitação -, concentram um reduzido número de trabalhadores (mestres, companheiros, aprendizes, auxiliares, em muitos casos membros da própria família do mestre) e utilizam formas de energia tradicionais. O trabalho é essencialmente manual, feito peça a peça, estabelecendo-se uma certa «cumplicidade» entre o produto e o produtor, ou seja, entre a peça e o artesão propriamente dito. A designação fábrica, refere-se ao estabelecimento produtivo característico das economias industriais, resultantes de processos de Revolução Industrial ou de industrialização, que se consideram um local de produção que utiliza a produção em série, aliada ao recurso a técnicas cada vez mais desenvolvidas a fim de melhorarem os níveis de produtividade. (Mendes, 1999: 193 e 194).

Os dados estatísticos como já referido, não nos permitem ficar a conhecer ao pormenor o período em foco, nem tão pouco caracterizar o sistema produtivo utilizado em Portugal, tendo como exemplo o inquérito industrial de 1852. Contudo, referir que a indústria ao domicílio e de carácter familiar era muito representativa sobretudo fora dos centros urbanos de Lisboa e Porto. Todavia, é de realçar que a cidade do Porto se encontrava numa situação de avanço, em termos de industrialização, conforme obra cita na obra *“até 1830, pelo menos (...), o Porto encontra-se à frente do esforço de industrialização portuguesa”*. Entre as características mais salientes da estrutura industrial portuense, o autor menciona que o número médio de operários por fábrica era baixo, cerca de 11 operários por fábrica, o que prova a laboração artesanal, e que em fábricas de maiores dimensões os operários eram sobretudo de sexo masculino, uma vez que a mulher se dedicava ao trabalho doméstico. (Mendes, 1999: 198)

O período da regeneração marcou indelévelmente a política portuguesa, entre meados de oitocentos (1851) e a instauração da República (1910), ao nível da aposta na aprendizagem industrial, ministrado no Instituto Industrial de Lisboa e na Escola Industrial do Porto, bem como na revolução dos transportes, no melhoramento das redes de estradas existentes e na concepção de outras alternativas à navegação fluvial e marítima até então, única alternativa. O aparecimento do caminho de ferro veio, a transformação foi radical, sobretudo pelo desenvolvimento ao nível industrial, bem como ao nível do quotidiano dos portugueses, trazendo mais comodidade e segurança.

A chegada do primeiro comboio vindo de Lisboa ao Porto, em 5 de Novembro de 1877, só foi possível após a construção da Ponte Maria Pia, pela empresa Gustave Eiffel, entre 1875 e 1877. De referir que esta ponte, é um dos monumentos da arquitectura do ferro mais notáveis do nosso país. (Mendes, 1999: 210).

2.2 - Património e Turismo Industrial (casos de estudo)

De acordo com a DGPC, ao que à salvaguarda do património industrial diz respeito, o património industrial é uma área inter e multidisciplinar, e que trata não só os vestígios industriais, como os equipamentos, os edifícios, os produtos, os documentos de arquivo e a própria organização industrial. A listagem apresentada a seguir, mostra em detalhe os edifícios industriais considerados como património industrial em Portugal e a sua área de actividade.

Património Industrial

Manufactura

Séc. XVIII - Fábrica de Tecidos de Seda, Lisboa

Séc. XVIII - Fábrica Nacional de Cordoaria, Lisboa

Séc. XVIII - Real Fábrica de Panos da Covilhã, Castelo Branco

Séc. XVIII - Real Fábrica de Gelo de Montejunto, Lisboa

Séc. XVIII - Real Fábrica de Vidros de Coina, Setúbal

Indústria

Séc. XIX (2ª metade) - Fábrica da Romeira, Lisboa

Séc. XIX (1865) - Fábrica de Cerâmica da Viúva Lamego, Lisboa

Séc. XIX (1861-1868) - Fábrica de Papel do Boque, Coimbra

Séc. XIX-XX - Edifício Panificação Mecânica, Lisboa

Séc. XX (1909) - A Napolitana, Lisboa

Séc. XX (1914) - Central Tejo, Lisboa

Séc. XX (1968) - A Kodak, Lisboa

Estruturas Sociais associadas

Séc. XVIII - Residência de Guilherme e Diogo Stephens, Leiria

Séc. XIX (1886) - Edifício da Escola Industrial Marquês de Pombal, Lisboa

Séc. XX (C.1913) - Palácio da Fiação de Fafe, Fafe

Séc. XX (1905-57) - Bairro Grandella, Lisboa

Séc. XX - Villa Berta, Lisboa

Obras Públicas / Infraestruturas

Séc. XVIII - (1732-1799) - Aqueduto das Águas Livres, Lisboa

Séc. XIX (1834-inauguração) - Pilares da Ponte Pênsil, Porto

Séc. XIX (1876) - Ponte D. Maria Pia, Porto

Séc. XIX (1886-87) - Edifício da Estação de Caminho de Ferro do Rossio, Lisboa

Séc. XIX (finais) - Ponte D. Luís, Porto

Séc. XIX-XX - Estação Caminho de Ferro de S. Bento, Porto

2.2.1 - Espaços Convertidos

- **Reservatório da Mãe d'Água das Amoreiras**

Ilustração 3 – Museu da Água



Fonte: site institucional

Com dois séculos de história, o reservatório Mãe d'Água das Amoreiras localiza-se nas Amoreiras, em Lisboa. O reservatório foi projectado em 1745 e foi alvo de várias intervenções ao longo dos tempos, tendo sido finalizada a sua cobertura por volta de 1834 no Reinado de D. Maria II, e apresenta-se como um espaço amplo e bem conseguido. O reservatório tinha como objetivo receber e distribuir a água fornecida pelo Aqueduto das Águas Livres. Atualmente está integrado no Museu da Água da EPAL (Empresa Portuguesa

das Águas Livres, SA) e o seu espaço é utilizado para a realização de eventos, nomeadamente, exposições de arte e desfiles de moda.

- **Ecomuseu do Seixal**

Ilustração 4 – Vista exterior do Ecomuseu do Seixal



Fonte: site institucional

O Ecomuseu do Seixal é pertença da Câmara Municipal do Seixal e foi aberto ao público em 1982 com a denominação que conserva hoje. O município definiu como linhas estruturantes a conservação do património juntamente com a intereção e participação da população na vida municipal.

O ecomuseu Municipal do Seixal tem por linhas orientadoras a investigação, conservação, documentação, interpretação, valorização e divulgação de testemunhos com o objectivo de contribuir para a transmissão das memórias vivas ainda existentes. O acervo do ecomuseu engloba colecções arqueológicas, técnicas e industriais, artísticas e etnográficas bem como fundos documentais.

A responsabilidade técnica é assegurada pela Divisão de Património Histórico e Museus da Câmara Municipal do Seixal.

2.2.2 – Rotas

- Turismo industrial de s. João da Madeira

Ilustração 5 – imagem de marca da Rota de Turismo industrial de S. João da Madeira



Fonte: site institucional

A rota de S. João da Madeira é uma rota muito completa que envolve vários circuitos em volta de distintas indústrias que no passado, foram o pulsar da industrialização do concelho, desde o calçado, chapelaria, lacticínios e passamanarias. Esta rota é hoje uma referência nacional e internacional ao que ao património e turismo industrial diz respeito.

- No Mundo – o exemplo de Barcelona

A rota do património industrial de Barcelona mostra a herança industrial do século XIX e foca a indústria predominante, a têxtil. Poblenou, bairro histórico, é um exemplo claro do trabalho executado na recuperação e reestruturação de espaços fabris, e que nos finais do século XIX, foi a área com maior concentração industrial da Catalunha. Apelidada como a

“Brooklyn of Barcelona”, Poblenou é conhecida pelos seus impressionantes contrastes, do moderno com o antigo. Prédios em ruínas tornaram-se espaços para estúdios de design, exposições de arte e escritórios.

Ilustração 6 – edifício do “Bairro operário” de Poblenou



Ilustração 7 – interior do edifício



A cidade de Barcelona oferece uma panóplia de soluções ao nível do património e turismo industrial, desde minas a espaços fabris reconvertidos em museus, e que já contam com cerca de uma centena de espaços com roteiros temáticos específicos e diversificados.

Fonte: site do bairro.

Capítulo III

3.1- Estudo de caso de Património Industrial: "Crestuma"

3.1.1 - Crestuma: evolução histórica e industrial

Povoação muitíssimo antiga, mas ignora-se por quem foi fundada (Pinho Leal, 1874:447)

A toponímia é um instrumento importante na caracterização do local no que concerne à sua designação e à forma como surgiu, embora a diminuta documentação existente, e, por vezes, um pouca difusa, dificulte a chegada a claras conclusões. Na procura da identificação do topónimo de Crestuma é consensual que a sua designação advém da junção de *Castrum* e *Uíma*. *Castrum* dada a existência passada de um crasto em Crestuma com vestígios da civilização greco-romana⁴, marcadas também pelas características do solo e a caracterização do lugar. *Uíma* que é o nome do curso de água que ali desagua no Rio Douro. A este propósito, escreveu Pinho Leal: *“parece que foi antigamente fortificada a povoação de Crestuma, e ainda há vestígios de uma torre ou Castello. D’este castello (crasto) e de Uíma se formou o nome da villa”.* (Pinho Leal, 1874: 447)

Ainda neste contexto, há que referir também Arlindo Sousa, que define o topónimo Crestuma *“Talvez do ant. crasto e Umia (hoje Uima), nome de rio que por ali passa. Crastumia em 922. Lugar cuja designação que se liga à arqueologia e resulta da aglutinação ou fusão de crasto por crasto com metátese do r e alteração da vogal a para e mais o elemento ibérico uma, forma antiga de Uima que se vê também em Fintuma ou Fontuma, Guma, Quintuma e Tresuma.* (Cit in Costa, 2000:22)

⁴ As escavações arqueológicas, no morro do Castelo de Crestuma e na Praia de Favaio, iniciaram em agosto de 2010. A iniciativa foi levada a cabo por uma equipa de profissionais organizada pelo Gabinete de História, Arqueologia e Património da Confraria Queirosiana. Segundo notícia publicada no Jornal de Notícias de dia 25 de agosto de 2010: *“já é possível confirmar que, de facto, existiu uma construção (uma espécie de fortificação romana) no alto do castelo que teria como função o controlo das travessias do Douro...”*. Ao longo dos trabalhos são recolhidos milhares de objectos, com destaque para pedaços de cerâmica oriunda da Fócia (actual Turquia), vidro romano e bocados de telhas. As intervenções arqueológicas, continuam na actualidade.

Outros topónimos eram associados ao nome de Crestuma, nomeadamente *Castrumire*, *Crastumia*, *Castrumie*⁵ e *São Miguel de Crastello*.

Crestuma será provavelmente o aglomerado urbano da bacia hidrográfica umense que melhor conserva a herança do seu passado. Crestuma aparece referenciada como povoação autónoma já em 922. No documento n.º XXV, datado desse ano e intitulado *Portugaliae Monumenta Historica*, vol. I *Diplomata et Chartae*, pode-se ler que “o Rei Ordonho II e a Rainha Elvira foram, em 922, visitar o ermita D. Gomado, bispo resignatário da Sé Conimbricense, ao mosteiro de Crastumia, onde se encontrava recolhido⁶”. (Américo Costa citado in Ribeiro, 1984: 14).

Ilustração 8 – barcos rabelos no Rio Douro, em Crestuma, por volta de 1895 - 1900



Fonte: Foto Foco, 2015

Este Mosteiro de Crastumia deixou poucos registos documentais conhecidos, pelo que muito do que sobre ele se escreve não passam de suposições e até antíteses em

⁵ “*Crestuma chamava-se no século X Castrumie (de Castro e Umia, hoje Uíma, rio que por aqui passa*”, in Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (ELBC), Lisboa, 1971.

⁶ *Em latim donatio amplissima regis Ordonii episcopo Gomado et Monasterio de Crastuma facta. Ex codice, qui titulum Livro Preto da Sé de Coimbra prae se fert, descripsimus. Portugaliae Monumenta Historica, vol. I Diplomata et Chartae, Lisboa, Tipografia da Academia, 1867, p. 16 e 17, documento n.º XXV – Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT).*

muitos casos. Durante as escavações que tiveram lugar em Crestuma no passado, foi possível identificar *“vestígios do vetustíssimo Mosteiro de Crestuma, cujas raízes se fundam em eras antiquíssimas e de que atualmente não aparecem restos de igreja ou fundações do Convento local para confirmar com realeza positiva o que relatam estes literários e históricos depoimentos”* (Sardinha, 1990: 9-10)

É referida por vezes (e inclusivamente na citação acima), a possibilidade de também ter existido em Crestuma um Convento. Barbosa Ribeiro faz, aliás, a mesma alusão: *“teve um convento de frades bentos, fundado segundo alguns no século VII. Ou este convento deixou de existir ou então não se conhece a sua continuidade, apenas que quando D. Thereza coutou Crestuma, foi para dar o couto aos frades d’aqui, mediante certa reconhecença aos bispos do Porto”*, e que se terá extinguido no século XV. (Ribeiro, 1984: 14)

O convento de Crestuma estará relacionado com o aparecimento recente de sepulturas cavadas na rocha, que surgiram no decurso das pesquisas efetuadas recentemente. A pesquisa arqueológica em curso provavelmente o confirmará.

Ainda relacionado com doações, é de partilhar também a existência de uma ermida que fora destruída em 1102, sendo que o que dela restou foi doado por D. Teresa ao mesmo bispo, D. Gomado: *“em abril de 1113, a mesma rainha doou um testamento ao bispo de Coimbra, a ermida de Crestuma, com todas as suas pertenças e uma azenha”*. (cit. In Costa, 2000: 37)

A história de Crestuma pré-industrial tem vários hiatos e lacunas documentais que não nos permitem perceber em concreto a sua evolução. Na verdade, Ribeiro afirma mesmo que, após 1113, só voltamos a encontrar referências a Crestuma em 1453, altura em que passa a ser designada por Couto: *“Era vastíssimo o couto de Crestuma, e segundo as demarcações feitas em 922, estendia-se pelas duas margens do Douro, entrando pela margem direita, pela terra do Sousa, até ao monte Zevario”* (Cit. In Ribeiro, 1984: 7). O

couto de Crestuma teria desaparecido em 1567 com a morte do seu último comendatário⁷. (Ribeiro, 1984:7)

A vida administrativa de Crestuma ficou marcada pela sua elevação à categoria de município, em 12 de maio de 1834, juntamente com Vila Nova de Gaia. Contudo, a vida do município terá sido curta, uma vez que manteve este estatuto apenas até 19 de outubro de 1835, tal como refere Peixoto: *“Crestuma terá sido o primeiro concelho a instituir-se a 12 de maio de 1834 mas não o primeiro a perder autonomia. A sua vida municipal é breve. Neste período apenas aparece referido concelho uma única vez, sendo a citação mais usual – na freguesia e Couto de Crestuma”*. (Peixoto, 1985: 25-26)

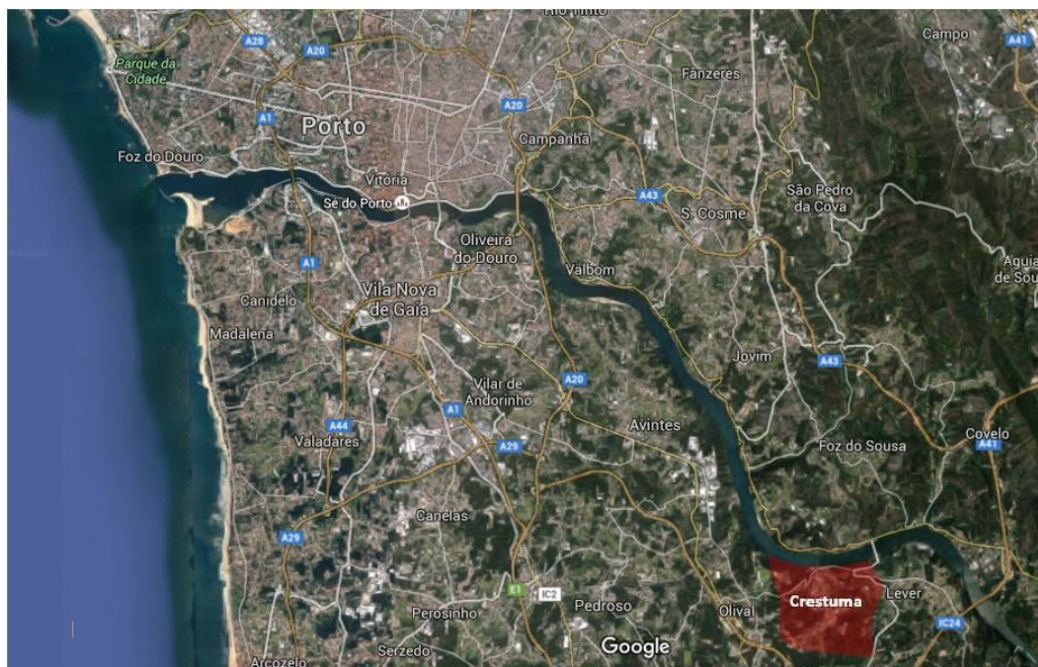
Anos depois, em 1911, era uma freguesia de 2^a classe, pertencente ao primeiro Distrito Eclesiástico de Gaia⁸.

⁷ Que frui benefício de comenda. O que administra uma comenda. Uma comenda é um benefício que se dava a eclesiásticos ou a cavaleiros de ordens militares terras com que se recompensavam certos serviços. In novo dicionário Lello de Língua Portuguesa, 1996:441.

⁸ Atas das Jornadas sobre o Município na Península Ibérica, capítulo: Os municípios efémeros de Vila Nova de Gaia, no período liberal por Maria de Graça Peixoto.

3.1.2 – Localização

Ilustração 9 – mapa com localização geográfica de Crestuma



Fonte: Google earth

Pinho Leal, autor da conhecida obra Portugal Antigo e moderno – dicionário, descrevia Crestuma, em 1874, desta forma: *“Atravessa a freguesia o rio Huyma ou Uima, que aqui mesmo desagua no Douro, tendo próximo da sua foz uma ponte de cantaria, de um só arco, construída em 1870, da qual logo caiu metade em 1872”*. (Pinho Leal, 1874:447)

A vila de Crestuma, antiga freguesia de Santa Marinha de Crestuma, está situada na margem esquerda do rio Douro, na zona sudeste do concelho de Vila Nova de Gaia, distando da sede concelhia 14 Km. A confrontação territorial é feita com as vilas de Lever, Sandim e Olival do mesmo concelho, sendo que, em 2014, a elas se uniu aquando da reorganização administrativa que criou a União das freguesias de Sandim, Olival, Lever e Crestuma. Na outra margem do Douro, encontra-se o concelho de Gondomar. Os limites da freguesia já vinham citados nas Memórias Paroquias de Crestuma de 1758, conforme

transcreve Ribeiro: *“Este terá de comprido hum coarto de legoa nesta freguezia principia no sítio chamado de Lagoa e finaliza em o sitio chamado de Fiozo e de largura está a mesma distancia. Naum há serra de nome nesta freguezia so sim consta de alguns Montes inda que pequenos pella pouca extençam della e vem a ser parte do Monte de Simalhe que divide pelo alto delle com a freguezia de olival”*. (Cit. In Ribeiro, 1984:7)

Estes limites, que tinham uma relação com a estrutura natural da região, foram sendo alterados paulatinamente ao longo do tempo pela administração. Essas alterações foram produzindo, aqui e ali, rivalidades e animosidades entre vizinhos no mesmo território.

Dada a sua localização privilegiada, Crestuma, ainda hoje, mantém características rurais, das quais se destacam as condições paisagísticas de excelência que a presença do rio Douro reforça de modo significativo. Essencialmente agrícola nos primórdios da sua existência, Crestuma *“é terra muito fértil e de muito comércio com a cidade do Porto, com a qual está em contínua comunicação fluvial”*, como explanava Pinho Leal na segunda metade de XIX (Pinho Leal, 1874:447). Crestuma foi desenvolvendo, de forma determinada, a sua vocação industrial que atingiu grande expressão na primeira metade do século XX, daí resultou um decréscimo muito acentuado no que ao setor agrícola diz respeito.

As pessoas, então, viviam ao sabor das necessidades alimentares mínimas. As hortas familiares e os quintais, na maioria dos casos adjacentes às habitações, eram o recurso tradicional obrigatório. No que respeita à habitação, Crestuma divide-se em três grandes zonas: a baixa ou ribeirinha, a média e a alta. A primeira delas *“onde se localizam a maior parte das construções antigas tão típicas e características, a testemunharem muitíssimo bem a face ancestral desta localidade. A zona média que compreende toda a zona situada entre a área da Igreja e a área próxima do Parque de Jogos, a qual classificaria de zona de transição com um tipo de arquitetura um pouco mais moderna. A*

alta é caracterizada por um tipo de habitações modernas e completamente distintas das outras duas áreas”. (Ribeiro, 1984: 20-21).

A lavoura e a criação de gado eram as formas de subsistência do povo de Crestuma. A este propósito, Ribeiro refere *“os frutos que produz ezta freguezia sam milho grosso ou milham senteio vinho verde, e algum azeite porem tudo em tam pouco quantidade que não chega para sustento dos moradores della”*. (Barbosa da Costa citado in Ribeiro, 1984: 23)

A alimentação era, em larga escala, sustentada na produção familiar. O cultivo de cereais, nomeadamente milho, centeio e algum trigo, despoletou grande desenvolvimento da indústria de moagem. A existência, ainda hoje, de muitas ruínas de moinhos e respetivas condutas de água, força motriz indispensável, são testemunhos históricos indesmentíveis desse passado de moagens, facto que é sublinhado por Ribeiro: *“tem esta freguezia neste mesmo Rio quatorze muinhos e nam tem lagares de azeite pisoins noras nem outro algum ingenho”*, sendo curioso que *“os moleiros de Crestuma levavam tabaco e moíam-no nos mesmos moinhos em que metiam o pão ...”* (Ribeiro, 1984: 23)

O contacto com o rio foi sempre decisivo na produção cultural e fundamental na sua vida económica. A atividade piscatória foi sempre uma atividade estrutural, apesar de ser praticada domesticamente. Pescava-se o sável, barbos, lampreias, solhas e enguias, como é referido nas Memórias Paroquiais (1758: 64): *“cria peixes, barbos e estes só no fim deste rio por se comunicarem do Douro para sima consta mais de bogas escallos e truttas, e algumas enguias”*. A confecção do Sável é uma tradição que perdura ao longo do tempo. Esta espécie animal está hoje em extinção, o que colocará provavelmente esta tradição gastronómica na mesma situação.

3. 1. 3 - Crestuma evolução Industrial

Terra ribeirinha e periférica do concelho de Vila Nova de Gaia, parte integrante da Área Metropolitana do Porto foi, no século passado, um território onde a indústria local representou, em grande escala, a economia não só de Crestuma como de toda a área do interior do concelho, ombreando com as maiores fábricas do Porto, então conhecida como a “Manchester portuguesa”.

“A azáfama que se vivia neste local do Uíma pertinho do Douro era tão intenso que aqui pulsava o coração de Crestuma. Não havia hora do dia ou da noite que o local não fosse uma roda”. (Ribeiro, 1997: 28).

A indústria foi muito importante para o desenvolvimento económico no concelho e surpreende a escassez de pesquisa nesse âmbito. Guimarães alerta para essa realidade: *“Vila Nova de Gaia pode ser considerada como um dos mais diversificados centros industriais do início da industrialização portuguesa. Dessa época ainda existem muitas estruturas, vestígios e peças das suas fábricas e oficinas. Mas tal ambiente fabril não tem sido objeto de muitos trabalhos de Arqueologia Industrial, restando pois grande parte deste espólio por estudar”.* (Guimarães, 1995: 225).

Banhada pelos rios Douro e Uíma, com uma riqueza paisagística assinalável, a sua laboriosa e determinada população mantém um conjunto de práticas ancestrais, lado a lado com o inevitável progresso e inovação contemporâneos. Ribeiro refere que acostavam em Crestuma barcos rabelos que do Alto Douro traziam a castanha, a batata, o melão e toda a qualidade de fruta. Mal ancoravam, logo saía um homem que pela freguesia acima apregoava a mercadoria e anunciava o seu valor. (Ribeiro,1997:10)

A localização privilegiada resultou na sua força motriz, nos primórdios do desenvolvimento industrial, beneficiando do Douro que se tornou na via de comunicação por excelência, num tempo em que os meios de transporte e a estrutura das estradas eram tremendamente ineficientes e perigosos: *“Crestuma era uma zona de paragem obrigatória*

dos barcos rabelos. Era visitada por excursões de barcaças e lanchas vindas do Porto, aos domingos. Se bem que a principal atividade fosse a indústria têxtil e a metalúrgica” (Costa, 2000:27).

O desenvolvimento industrial de Crestuma alonga-se sobretudo entre 1834, ano em que Crestuma foi elevada a concelho, e o início da década de 1970. Sobressaíam então as fábricas de fundição e tecelagem onde trabalhavam alguns milhares de operários.

3.1.4 - As Fábricas

Não pode deixar de ser referenciada, uma vez que constituiu uma ideia pioneira na indústria do ferro, a Fábrica de Verguinha e Arcos de ferro de Crestuma, cuja fundação remonta ao longínquo ano de 1790 estando sob a alçada da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro. Esta fábrica marca um período importante na história industrial do Porto, e eventualmente ajuda a justificar o porquê de posteriormente Crestuma ter adquirido importância industrial, apesar da sua pequenez e ruralidade. Francisco Queiroz (2006: 131) refere que *“a fábrica chegou ao ano de 1830 dotada de casa nobre para habitação e arrecadação, quatro moinhos, uma casa de azenha, uma casa de lavoura e suas casas da eira, para além de vários edifícios destinados exclusivamente à atividade industrial, com uma importante secção de fundição, tudo movido por várias rodas hidráulicas montadas sobre um canal do Rio Uíma!”* (Queiroz, 2006: 131). Apesar de empregar cerca de quarenta operários, a Fábrica de Verguinha e Arcos de ferro de Crestuma adquiriu um papel importante ao que a novas técnicas e mecanismos diz respeito, uma vez que terá sido nesta fábrica que foi produzido armamento no período miguelista, durante o período do Cerco do Porto. Aliás, actualmente ainda é visível um canhão nas imediações da fábrica que provavelmente fora produzido nessa altura, uma vez que o mesmo autor referiu que para além da produção de arcos de

ferro para pipas e tóneis, produziu também balas, e pequenos objectos utilitários em ferro mas não se sabe se de forma regular ou apenas esporádica.

O mesmo autor refere que a “*Primeira Associação de Indústria Fabril Portuense*” foi constituída para aproveitar não só o edifício da Fábrica de Verguinha e Arcos de ferro de Crestuma como todo o equipamento que esta continha, e apesar da tentativa de fazer renascer a actividade por volta de 1843, mas esta não teve continuidade. É relevante mencionar também que a companhia de Artefactos de metais do Porto integrou pelo menos um operário que tinha laborado na Fábrica de Arcos de Crestuma de seu nome Jerónimo Pinto Paiva Freixo⁹ que, após a companhia de Artefactos de metais do Porto terminar a sua atividade, encetou em Crestuma uma fábrica de fundição tendo-a apelidado por Antiga Fundição de Crestuma. Esta, de carácter mais familiar, reuniu várias pessoas “da terra” especialistas no trabalho em fundições. No inquérito industrial de 1881 há uma referência a esta unidade: “*Existe há 50 annos e vai vivendo ao abandono, porque o proprietário, Jeronymo Pinto de Paiva Freixo, não faz d’esta industria o seu principal modo de vida. Produz anualmente 100 toneladas de panellas de ferro...*” (AAVV, 1881: 44).

Era diversificada e de grande qualidade e quantidade a produção em ferro fundido. Eram produzidos artigos indispensáveis nos lares portugueses, de então: painéis e tachos normais dos mais diversos tamanhos, painéis de três pés, ferros de engomar, salamandras para aquecimento, fogões de lenha, esmagadores de uvas, prensas de variadas dimensões, arados agrícolas, varandins e gradeamentos, tampas de saneamento, grelhas, pórticos e outras peças utilizadas na construção civil, mormente portões de grande porte que ainda hoje perduram nas antigas “quintas” do país. Na Calçada da Fonte da Igreja ainda pode ver-se um portão, em ferro fundido, da antiga casa da família Paiva

⁹ Jerónimo Pinto de Paiva Freixo, natural de Crestuma, onde ainda é recordado com respeito e saudade, foi um trabalhador incansável, espírito de iniciativa, exemplo de dignidade e de lisura. Tomou a gerência da fábrica de seu Pai aos 18 anos e faleceu com 78, deixando viúva a D. Guiomar Lopes dos Santos. O seu fabrico de fundição de ferro era dos mais perfeitos que se faziam em Portugal, tais como: painéis à Portuguesa, Espanhola, Inglesa e Açoreana – Ferros de engomar, lisos, boleados e americanos, entre outras. Retirado de Anuário Industrial, comercial e turístico de Gaia, 1985.

Freixo com o nome da proprietária e empresária incorporado, no topo, onde pode ler-se Antiga Fundição de Crestuma Constança da Silva Paiva e freixo, 1890.

Ilustração 10 – gradeamento em ferro fabricado na antiga fundição de Crestuma



Fonte: foto da autora, 2015

Crestuma chegou a ter pelo menos quatro fundições no fim do século XIX, e assumiu-se assim como o maior núcleo fabril português de fundição de ferro situado fora dos limites de Lisboa e Porto¹⁰ (Francisco Queiroz, 2006: 136). Em 1890, o *Jornal dos Carvalhos* afirmava que *“existem em Crestuma nada menos que quatro fundições de ferro, onde se faz toda a qualidade d’obra, especialmente panellas de ferro. Se os seus possuidores organisassem uma companhia, podiam ter um importante estabelecimento, talvez o único no paiz no género. A pericia dos seus operários e as relações commerciaes dos actuaes possuidores são uma prova de que a companhia daria lucro”*.

Mas não só de fundições era composta a paisagem industrial de Crestuma ao longo do século XIX. A tecelagem assumia-se também como muito importante, com várias unidades de dimensão considerável. Já no inquérito industrial de 1881 faz referência à fábrica de fundição de Jerónimo Pinto Paiva Freixo, enquanto que no inquérito industrial

¹⁰ “Não vão longe os tempos que pelo rio subiam dezenas de lanchas, caíques, guigas, barcos valboeiros e todo o tipo de embarcações, com velas e sem velas, que ancoravam por todos os cais ribeirinhos. Crestuma possuía dois magníficos cais de acostagem privados, - o cais da Companhia de fiação de Crestuma e o cais do A.C.Cunha Morais-, que ainda hoje existem”. (Ribeiro, 1997: 10)

de 1890 já consta a fábrica de balões venezianos de Augusto Cesar Cunha Moraes e a Antiga Fundação de Crestuma de Constança da Silva Paiva Freixo.

Elaboramos uma listagem por área de actividade, a partir do anuário Industrial, Comercial e Turístico de Gaia, de 1950, do esboço monográfico de Santa Marinha de Crestuma de 1984, que nos permite analisar as indústrias existentes bem como a diversidade existente e o tipo de indústria a que cada uma delas se dedicava. De referir ainda que muitas delas eram empresas fabris de média dimensão e familiares, mas de referência significativa no panorama industrial de Crestuma e do Concelho de Vila Nova de Gaia, representando, no seu todo, uma produção assinalável e sendo responsáveis pelo elevado número de operários que extravasava a capacidade do seu recrutamento na própria freguesia.

Balões

Fábrica de Balões Venezianos de Augusto César da Cunha Moraes

Candeeiros

Joaquim Vidal de Oliveira

Carpintaria

Joaquim Alves Costa

José Ferreira Gomes

Joaquim Ferreira da Silva

Joaquim Machado Ribeiro

Fiação e Tecidos

A.C da Cunha Morais, Lda.

Comp.^a de Fiação e Tecidos de Crestuma (escritório no Porto)

Fitas de Nastro

A.C da Cunha Morais, Lda

Barbosa & Irmãos

M. Guedes da Silva, Lda

Manuel Tavares & Irmão

Fundições de ferro

Jerónimo Pinto Paiva Freixo

Fábrica de Murça de Constança Paiva Freixo

Fundição de Joaquim Francisco da Silva

Fundição de Lopes e Irmão

Fundição de Ferro de Crestuma

Manoel Francisco Pereira e Comp.^a

Fundição de Gracinda Francisca de Moura

Fábrica de Pannels de ferro de Joaquim Francisco da Silva

A.F Ramalho (António Francisco Ramalho)

Barbosa & Irmãos

Francisco Cardoso de Sousa

Moura & Irmãos, Lda

Sociedade de Fundição e Metalurgia, Lda – SOFUME

Fundição do Rufino (Rufino José dos Santos)

José Ferreira da Costa

Alberto Ferreira dos Santos Evaristo

Fundição da “Buraca”

Manuel Fernandes Moreira

Fundições de Metais

A.F Ramalho (António Francisco Ramalho)

Francisco Cardoso de Sousa

Papel e Cartão

Fábrica de Manuel Guedes da Silva

Barbosa & Irmãos

Fábrica de Manuel Tavares & Irmão

Pereiras & Barbosa

Eugénio Guedes Barbosa

Noémio Fernandes Lopes

Ferreira & Pedrosas

Serração

Augusto Guedes Barbosa

Serralharias

A.F Ramalho (António Francisco Ramalho)

Barbosa & Irmãos

Francisco Cardoso de Sousa

Jerónimo Pinto Paiva Freixo

Joaquim Cardoso de Sousa

Moura & Irmãos, Lda

Sociedade de Fundação Metalúrgica, Lda

Têxteis

Companhia de Fiação de Crestuma

A.C da Cunha Morais

“A Juvenil” de Alves e Barbosa

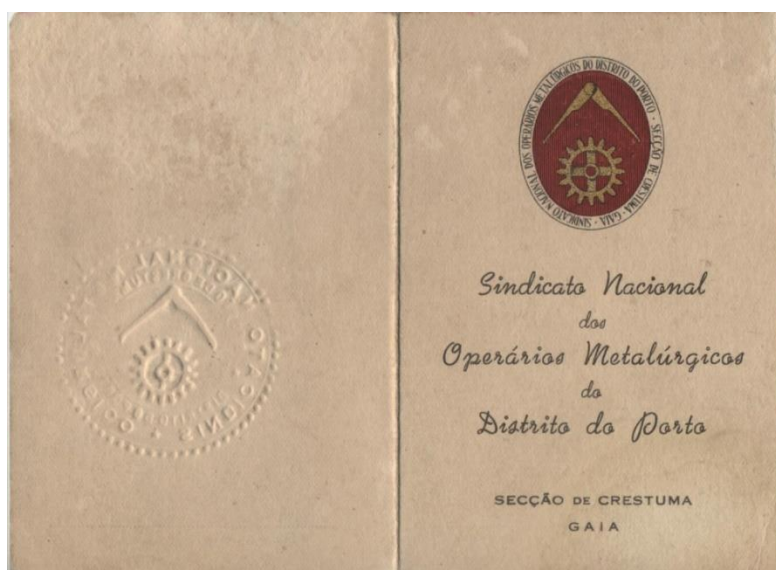
Cunha & Cunha

Barbosa & Irmãos

Os depósitos e escritórios das fábricas de maior dimensão ficavam localizados na cidade do Porto nomeadamente na zona da ribeira, Infante D. Henrique, Rua de S. João, Rua Mouzinho da Silveira, a maior parte perto do Rio Douro por onde, na altura, era feito o transporte.

De realçar o facto de o Sindicato dos Metalúrgicos do Norte ter sido instalado na freguesia de Crestuma uma secção. Crestuma era sobejamente reconhecida como um baluarte da metalurgia nacional.

Ilustração 11 – cartão de identidade de sócio do sindicato, 1957

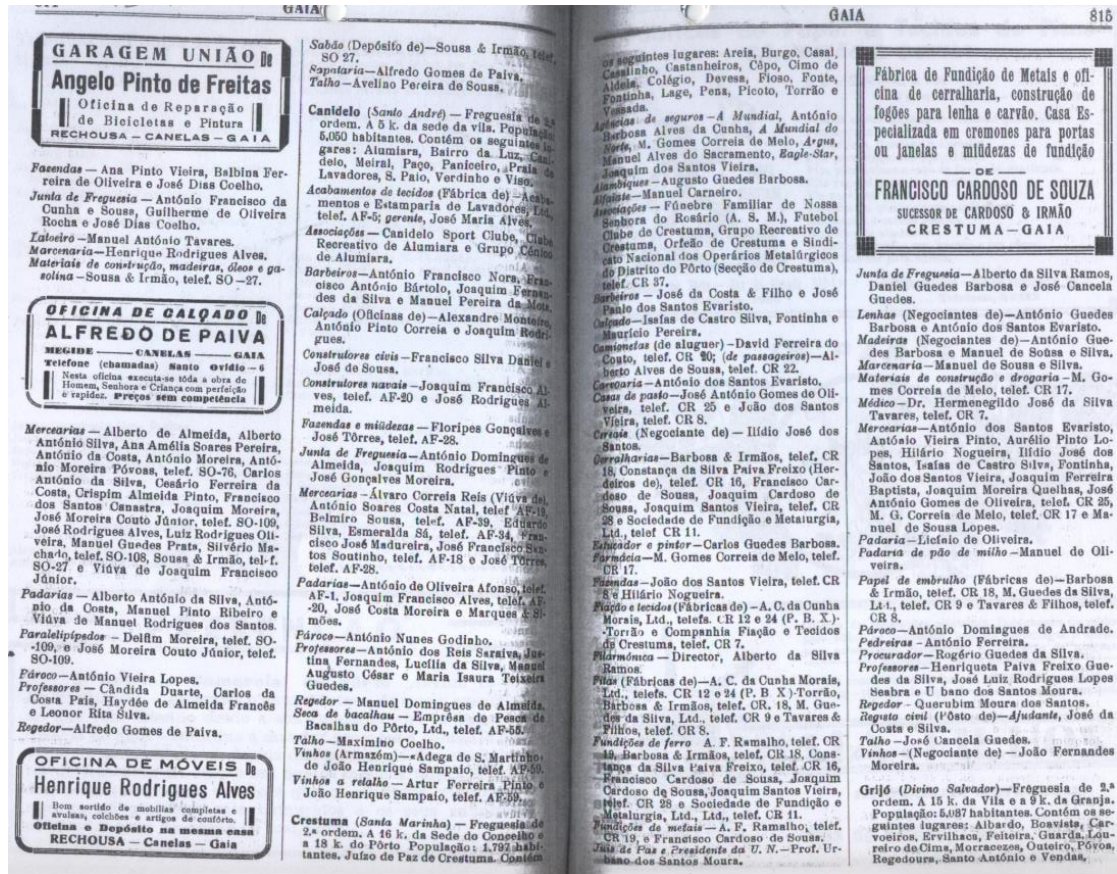


Fonte: arquivo da autora

O grande desenvolvimento industrial determinou um extraordinário fluxo de operários oriundos de todo o concelho, com predominância natural das freguesias vizinhas. Daí resultou um desenvolvimento do comércio local a todos os níveis. Eram inúmeras as

mercearias nos inícios do século XX, eram autênticos mini mercados onde tudo se comercializava. Havia, também, estabelecimentos especializados como farmácia, drogeries, padaria, talho, e outros.

Ilustração 12 – Crestuma, ano 1943



Fonte: Anuário Comercial do Porto para a cidade do Porto, Gaia e demais concelhos do distrito, 1943

A venda ambulante, porta a porta, era outra atividade permanente no que concerne a grande variedade de produtos agrícolas transacionados pelos lavradores locais e espécies piscícolas como sável, lampreia, barbo, tainha e outras espécies pescadas no rio Douro pelos pescadores locais.

Na área alimentar, de igual modo, proliferavam os estabelecimentos de restauração. As próprias mercearias tinham áreas definidas para os “comes e bebes” tradicionais. O número de tasquinhas e adegas era substancial com incidência nas áreas do centro e

beira rio da freguesia, onde a maior parte das indústrias se localizavam. Praticamente, em todos os lugares da freguesia existia, pelo menos, uma mercearia. De realçar o facto de, na última terça-feira de cada mês, em local estratégico porque de acesso fácil e mesmo obrigatório a várias unidades industriais, se realizar, durante anos, uma feira com alguma dimensão regional.

Ilustração 13 – uma das últimas feiras realizadas no lugar do Torrão, Crestuma, s/d



A partir de informações recolhidas na freguesia era comum dizer-se que os habitantes de Crestuma triplicavam durante as horas de trabalho tanto eram os operários que vinham de fora. De realçar, ainda, que as grandes empresas trabalhavam em permanência utilizando o sistema de turnos.

A partir de entrevistas realizadas a habitantes locais, podemos afirmar que não havia desempregados e, em contraste com o que se verificava com outras áreas rurais em declínio, Crestuma pontificava na formação técnica da sua juventude elevando, sobremaneira, o nível escolar e a apetência formativa a todos os níveis. Assim, em áreas como o teatro, a música e as letras, despontaram alguns talentos que através de publicações locais e regionais deram conta dos seus trabalhos. Daí perdurarem inúmeros escritos em brochuras e livros de muito interesse no testemunho histórico de Crestuma. De

distinguir a existência de vários poemas musicados que se mantêm atuais e são entoados em todas as manifestações culturais e festivas a nível familiar e coletivo. Em muitos desses poemas há referências às atividades locais onde a indústria tem lugar predominante. À dupla Eugénio Paiva Freixo, nos poemas e António Ferreira Alves, na música, se deve o êxito desses documentos de alto valor cultural e que, ao longo dos tempos perpetuam a história desta localidade orgulhosa dos seus antepassados. Reproduzimos alguns versos de dois dos muitos poemas que aquele poeta nos deixou onde são referidas as indústrias de fundição e tecelagem e que retratam a época na perfeição. (Freixo, 2000: 12)

De “Fitas de Crestuma”:

Ó Crestuma tecedeira
Das fitas que nos enlaçam,
Dos apitos a vibrar,
Dos operários que passam.
Enquanto nós trabalharmos
Nos teares dos nossos pais,
Enquanto houver destas fitas,
Crestuma não morre mais”.

A partir da análise ao panorama industrial de Crestuma, á que referir ainda o funcionamento de indústrias em Crestuma.

- AF Ramalho (fundição) – cerca de 5 funcionários
- Joaquim Ferreira da Silva (Carpintaria) cerca de 10 funcionários
- Jorge Ribeiro (carpintaria) cerca de 2 a 3 funcionários

- Manuel Fernandes Moreira (fundição) – 2 a 3 funcionários
- Cunha & Cunha (passamanarias e sirgarias) - iniciou actividade em 1981 - e funcionamento actualmente e com um número considerável de funcionários – cerca de 23

3.2. Património Industrial Perdido de Crestuma

Algumas referências ao Património industrial desaparecido, bem como anúncios publicitários.

“1840 – Levantouse em crestuma a fábrica de fundição, pertencente a Jeronymo Pinto de Paiva Freixo” – Jornal dos Carvalhos 1-11-1891

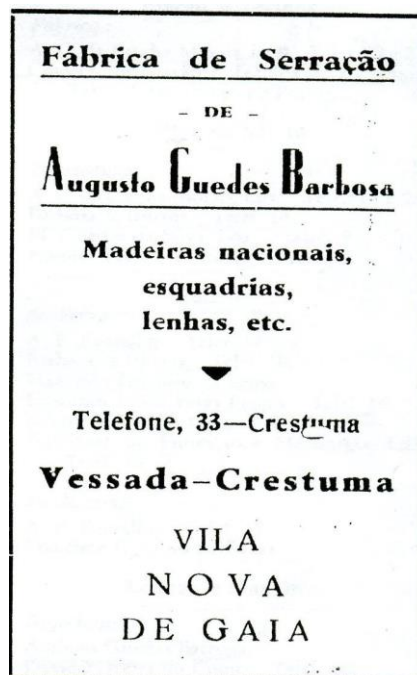
“1874 – Fundase em Crestuma a segunda fábrica de fundição pertencente a Joaquim Francisco da Silva, um dos actuaes vereadores da Camara municipal de Gaya.” Jornal dos Carvalhos 1-11-1891

“Mais outra fabrica d’este género (fundição) se funda em Crestuma, pertencente à firma Lopes & Irmão”. Jornal dos Carvalhos 1-11-1891

“1882 Estabelece-se a primeira fabrica de balões venezianos, pertencente a Augusto César da Cunha Moraes, nome muito conhecido no mundo industrial”. (Jornal dos Carvalhos 1-11-1891)

“1891 construe-se e começa a trabalhar, á margem do Ima, uma nova fabrica de fundição propriedade de Jacintho Fernandes da Costa, abastado capitalista e um dos actuaes membros de junta da parochia d’esta freguesia”. Jornal dos Carvalhos 1-11-1891

Ilustração 14 – anúncio publicitário da fábrica de Augusto Guedes Barbosa



Fonte: Anuário do Porto, comercial, industrial e burocrático, 1950: para a cidade do Porto, Gaia e Matosinhos e restantes concelhos do distrito.

Ilustração 15 – anúncio publicitário da fábrica de fundição de metais, Crestuma



Fonte: Anuário do Porto, comercial, industrial e burocrático, 1950: para a cidade do Porto, Gaia e Matosinhos e restantes concelhos do distrito.

Ilustração 16 – anúncio publicitário de fábrica de panelas de ferro em Crestuma

GRANDE REDUCCAO DE PREÇOS

Fabrica de panellas de ferro
EM CRESTUMA
DE
JOAQUIM FRANCISCO DA SILVA

PREÇOS POR QUANTO VENDE ACTUALMENTE A TODOS OS SEUS AMIGOS E FREGUEZES

Panellas á portugueza	40 reis o kilo
Ditas á hespanhola	45 > >
Ditas e tachos á ingleza	80 > >
Fogareiros á	50 > >
Chaços para carros de bois	35 > >
E muito outros artigos de fundição que vende por preços rasoaveis.	

Fonte: jornal “O Grillo de Gaya”, de maio de 1891

Dada a escassez de informação fidedigna relativa às fábricas, seu funcionamento, história e dados estatísticos concretos não foi possível elaborar uma ficha completa com a caracterização de cada uma delas. Irão ser desenvolvidas as que fazem parte da rota do património industrial de Crestuma no capítulo IV.

3.3 Turismo em Crestuma

Numa perspectiva de desenvolvimento turístico na Vila de Crestuma não será descabido dar uma valorização prioritária à componente histórica industrial que entendemos de grande valor documental pela dimensão atingida, em qualidade e quantidade, com suporte na existência de vasto património ancestral, já documentado, de inegável interesse histórico.

Acresce, por outro lado, que em zonas de turismo global, actualmente, a conjugação de perspectivas colaterais, também elas apelativas e de inquestionável interesse em áreas, as mais diversas, como a arqueologia, o desporto, o lazer, a fauna e a flora, a riqueza paisagística, os recursos fluviais, as artes, o folclore e ainda outras mais, passou a ser excelente factor de motivação turística!

No que à Vila de Crestuma diz respeito várias são as áreas de interesse turístico que, nos últimos anos são visitadas, em tempo de primavera e verão, mesmo sem a existência de uma programação cuidadosa e a criação de veículos de informação por parte dos responsáveis locais e de outros apoios indispensáveis aos que a visitam.

A inauguração do Parque Botânico do Castelo, um espaço idílico e bem tratado onde a vegetação autóctone é predominante em grande escala e do Sítio Arqueológico, equipamentos localizados na orla fluvial, permitiu dar um passo definitivo na caminhada para um turismo cultural de eleição. A presença de uma praia fluvial minimamente equipada para veranejar com razoável comodidade e com equipamento de apoio no Clube Náutico de Crestuma é, sem dúvida, outra mais valia no que concerne às potencialidades do local para um turismo de continuidade, no futuro.

O aproveitamento turístico fluvial intenso que já se verifica durante vários meses do ano no rio Douro com o melhoramento estrutural dos dois antigos cais que serviram durante muitas décadas as empresas Companhia Fiação de Crestuma e A. C. da Cunha Morais potencia, de igual modo, aliado à reestruturação, já em curso, da Quinta da Estrela situada na orla fluvial, maior capacidade para recepção de visitantes utilizando a aprazível “estrada” fluvial que é o Douro.

De referir, ainda, a existência, no que a acessos rodoviários a Crestuma diz respeito, de uma rotunda muito próxima dos limites da Vila de Crestuma com acesso, via auto-estrada a todos os destinos nacionais com este tipo de ligação terrestre. A proximidade ao Porto é outra vantagem a considerar.

Utilizando a estrada da Barragem de Crestuma, outro ponto de considerada projeção turística, o trajecto até ao Porto (Freixo) de uma dúzia de quilómetros ao longo da marginal

direita (EN108) do rio é, simplesmente, deslumbrante e tem continuidade até à Foz do rio Douro pela marginal do Porto.

Como pontos de atração suscetíveis de, também eles, potenciarem o turismo local de forma determinante poderemos referir a existência de conceituadas Associações e Agrupamentos que se revelaram, desde sempre, ótimos veículos de propaganda turística local, regional e mesmo nacional. Serão os Ranchos Folclóricos, a Filarmónica de Crestuma, os vários Corais do mais variado cancionero local e regional, os Clubes Desportivos em várias modalidades com destaque para o Clube Náutico de Crestuma, um dos baluartes da canoagem nacional.

Capítulo IV

4.1 - Proposta de desenvolvimento – Rota

A partir do trabalho realizado e das ideias apresentadas até aqui, propomos uma Rota do Património Industrial de Crestuma.

4.1.1 - Missão e objectivos

Contribuir para o desenvolvimento sustentado do território do Vale do Uíma, através da valorização do património industrial existente, da criação de uma produto turístico e cultural de referência no concelho, que possa gerar riqueza, emprego e qualificação dos recursos humanos da população de Crestuma.

4.1.2 – Contextualização

Um dos objetivos principais desta rota, e pré requisito fundamental para a sua implementação, é o envolvimento da comunidade de Crestuma. Esse envolvimento permitirá reviver o quotidiano de outras épocas de forma mais fiel, valorizando os recursos humanos locais e a sua existência.

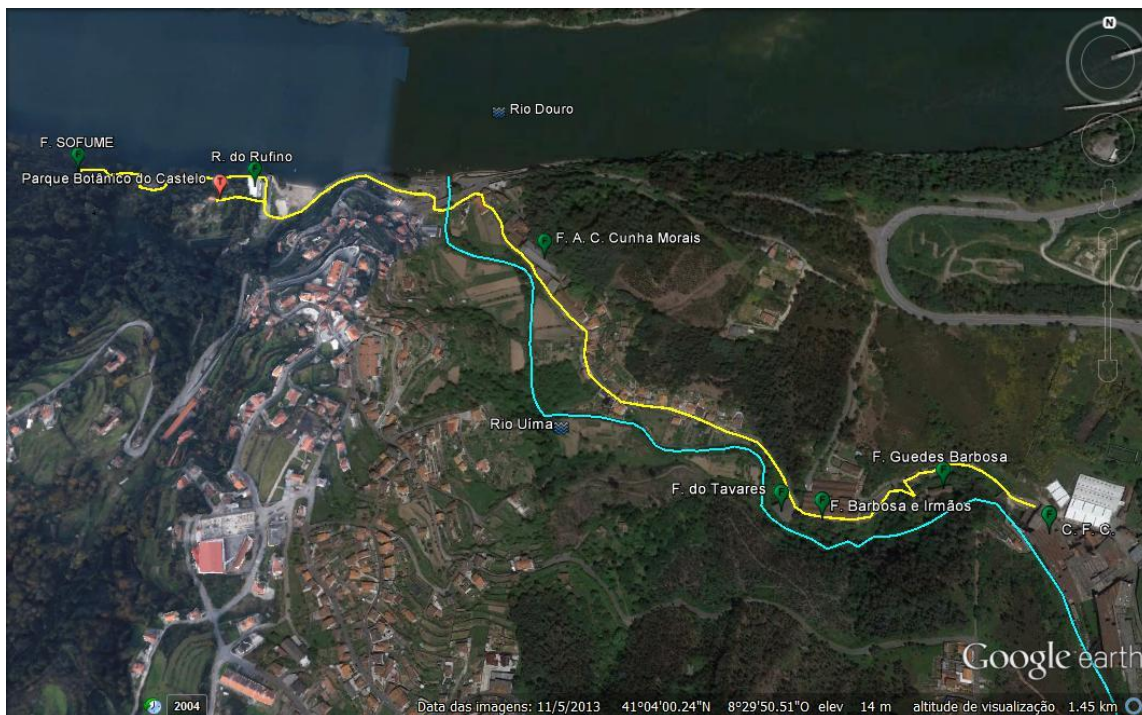
Local: antiga zona industrial de Crestuma, entre o lugar do Esteiro e a Rua da Fontinha.

Público-alvo: turistas culturais e população local.

Ações e atividades a desenvolver: visita ao exterior do edificado e ao interior, sempre que possível. A rota tem a duração de 2 horas e o terreno é plano. O percurso é realizado junto ao Rio Douro e Uíma e serão percorridos 2.35km.

4.2 – Mapa da Rota

Ilustração 17 – mapa da Rota



4.2.1 – Pontos

- a) Parque Botânico do Castelo
- b) Fábrica de Fundição de Rufino José dos Santos
- c) Sociedade de Fundição e Metalurgia, Lda (SOFUME)
- d) Fábrica de fitas e fiação d´algodão AC Cunha Morais
- e) Manuel Tavares e Irmãos (fábrica do Tavares)
- f) Barbosa & Irmãos (“Vitória”)
- g) M. Guedes da Silva, Lda
- h) Companhia de Fiação de Crestuma

4.3 - Fichas de Património

a) Parque Botânico do Castelo

A rota inicia no Parque Botânico do Castelo, que se situa junto ao Clube Náutico de Crestuma, no lugar do Esteiro. De acordo com a página institucional do parque Biológico de Gaia, este parque foi inaugurado a 13 de Setembro do ano 2009 e pertença das Águas e Parque Biológico de Gaia EEM, os terrenos do parque foram adquiridos e recuperados pelo município de Vila Nova de Gaia como uma quinta que se encontrava em ruínas. Desde essa altura foi intervencionada ao nível de escavações arqueológicas de modo a ficarem esclarecidos e estudados alguns mitos existentes na história de Crestuma.

Conforme notícia publicada no jornal público, datada do dia 14 de Setembro de 2009, o administrador do Parque, Dr. Nuno de Oliveira explicou o objectivo destes trabalhos, que é *"perceber a história do sítio, a sua flora e como se formou o maciço [onde o parque está implantado] do ponto de vista geológico". "Para isso, vamos pedir à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto que nos faça um estudo mais detalhado".*

Ilustração 18 – Parque Botânico do Castelo, Crestuma – casa da Eira



Foto da autora, 2015

Caracterizou o espaço como sendo *“uma antiga quinta, de particulares, abandonada há décadas, mas nos tempos históricos terá tido um castelo e um mosteiro medievais”, afirmou Nuno Gomes Oliveira. Antes disso, na época romana, a zona terá sido “um entreposto que recebia barcos de Roma e da Grécia, trazendo cerâmica”.*

Os trabalhos das escavações estão a cargo da Confraria Queirosiana sob orientação dos Arqueólogos Prof. Dr. Gonçalves Guimarães e Prof. Dr. António ManuelSilva.

b) Fábrica de Fundição de Rufino José dos Santos

O edifício da fábrica do Rufino é o segundo ponto da rota e encontra-se do lado esquerdo da saída do Parque Botânico do Castelo, junto ao Rio Douro.

Ilustração 19 – foto centenária da fábrica do Rufino, ano exato desconhecido



Fonte: Foto Foco, 2015

Através do *“Mappa do Movimento dos processos sobre fábricas ou estabelecimentos para indústrias entre 1912 e 1922”*, esta fábrica consta como sendo pertença de Rufino José dos Santos, *“fábrica de fundição de ferro no lugar do Castelo, na freguesia de Crestuma”*.

A partir de um testemunho recolhido em Crestuma¹¹, um antigo trabalhador da fábrica refere a antiguidade da mesma, que teria hoje, cerca de 130 anos e que laborava apenas num turno, das 8h-17h, diariamente. Ali trabalhavam só homens, cerca de dezoito, e maioritariamente ligados por laços familiares. Dedicavam-se ao fabrico de utensílios em ferro fundido com destaque para panelas, salamandras, fogões de ferro e ferros de engomar para venda apenas nacional.

¹¹ Vitorino Moura, antigo trabalhador da fábrica de Rufino José dos Santos em entrevista realizada a 9 de janeiro de 2016. Bisneto do proprietário da fábrica, laborou 37 anos.

O edifício da “fábrica do Rufino”, como era denominada e conhecida localmente, tinha dois pisos, sendo no primeiro a fundição e o segundo o embalamento da obra, acabamentos e a tinturaria.

Com a morte do proprietário Rufino José dos Santos, a fábrica continuou em laboração adquirindo legalmente o nome da esposa, contudo ficou sempre conhecida por “fábrica do Rufino”. Num pedido de licença de obras, em 1944, a fábrica de fundição já era denominada por Gracinda Francisca de Moura, esposa do proprietário inicial.

Esta fábrica encerrou em 1988 dado que deixou de possuir condições ao nível das acessibilidades para transportar a mercadoria. O edifício foi reabilitado e convertido no centro náutico do clube náutico de Crestuma e o mesmo foi inaugurado em 2007.

Ilustração 20 – edifício da antiga fábrica em obras



Fonte: foto de José Silva, 2005

Ilustração 21 – vista do edifício na atualidade



c) Sociedade de Fundição e Metalurgia, Lda

Passamos agora para a retaguarda do parque e do edificado do Centro Náutico em direção ao próximo ponto da rota. Para lá chegar, vamos passar por um pinhal e pela Praia de Favoios, local intervencionado nas escavações arqueológicas que se têm vindo a realizar. A Sociedade de Fundição e Metalurgia fica uns metros acima.

Ilustração 22 – Sociedade de Fundição e Metalurgia, SOFUME em ruínas



Foto da autora, 2013

Esta fábrica era conhecida como a SOFUME, bem como a “fábrica do Almeida”, pelo seu proprietário ter sido Abílio Pinto de Almeida.

Conforme testemunho de um macheiro¹² que lá trabalhou, esta fábrica empregava mais de uma centena de pessoas e foi fundada já no século XX. Não trabalhavam mulheres, uma vez que o trabalho era muito duro e pesado. Fabricavam painéis e tachos de ferro, de três pernas e sem pernas que denominavam painéis inglesas dos quais faziam exportação para França. Faziam obra para esmagadores de vinho e, as prensas de vinho e tinham uma quantidade de serviço diário a cumprir,

¹² Francisco Vieira, antigo trabalhador da fábrica em entrevista realizada a 7 de novembro de 2015.

senão eram penalizados no salário. Para além destes produtos a SOFUME fazia também fogareiros, ferros de engomar, moinhos e máquinas para outras fundições.

Ilustração 23 – anúncio publicitário da SOFUME



Fonte: Anuário do Porto, comercial, industrial e burocrático, 1950: para a cidade do Porto, Gaia e Matosinhos e restantes concelhos do distrito.

Trabalhavam pessoas das redondezas nomeadamente de Lever, Sandim, Arnelas e Gondomar, de segunda a sábado.

A fábrica tinha o escritório no Porto, na Rua de S. João, conforme consta numa licença de ampliação da fábrica datada de 1964, bem como no anúncio publicitário acima.

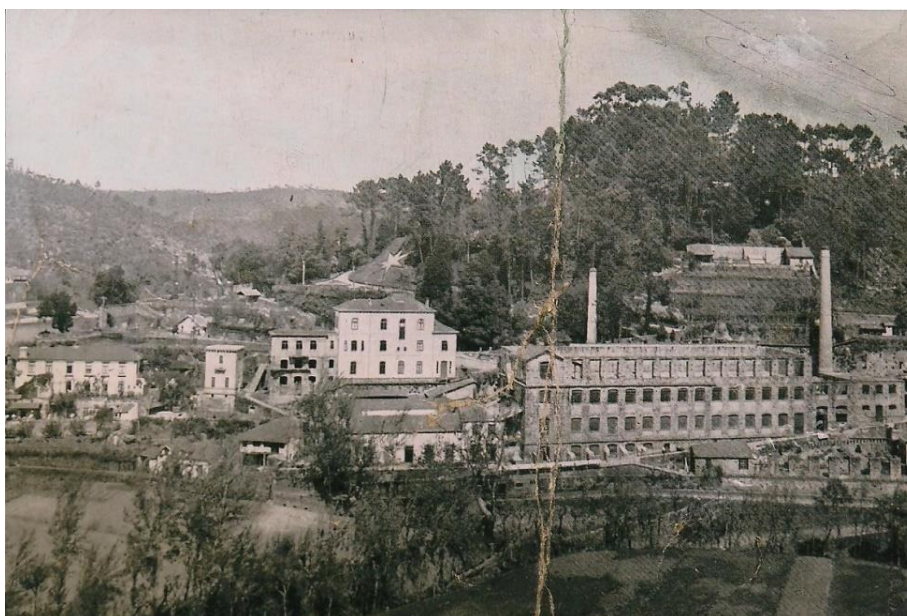
A SOFUME entrou em decadência por volta dos anos 80 do século XX, por não ter acompanhado a modernidade e pelas frágeis acessibilidades existentes para o transporte de matérias primas e mercadorias.

O que ainda resta são algumas paredes que constituem o edificado, mas em grande parte num estado deteriorado que nem é possível perceber as várias secções existentes nem tão pouco onde se localizaria a maquinaria.

d) Fábrica de fitas e fiação d´algodão AC Cunha Morais

Seguimos pela rua do Esteiro em direcção à ponte nova, que dará a ligação à Rua da Fontinha. Aí, surge o edifício da fábrica de fitas e fiação e, no cimo do monte, a Quinta da Estrela com a casa da família Morais.

Ilustração 24 – Fim das construções da fábrica, 1890



Fonte: Foto Foco, 2015

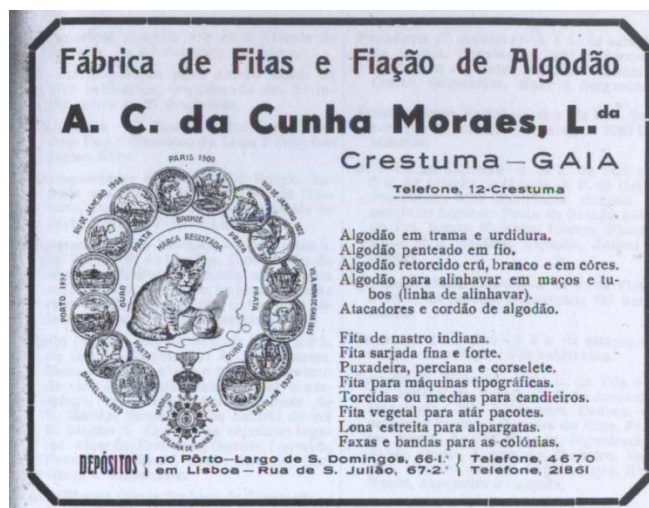
Com origem no século XIX, a Fábrica de Fitas e fiação de Algodão AC Cunha Moraes, foi fundada em 1890, e representa uma das maiores indústrias de Crestuma. Em notícia do Jornal dos Carvalhos, de 22 de junho desse ano, podemos ler *“Mais um estabelecimento industrial vae funcionar em Crestuma. É a fábrica do Sr. Augusto César da Cunha Moraes. Desejamos a este illustre cavalheiro muita felicidade, e felicitamos o povo de Crestuma que tem mais um templo de trabalho à sua disposição”*. O mesmo periódico, um ano depois, indica que a fábrica *“edifica-se e principia a trabalhar com teares systema moraes, systema este premiado na Exposição Universal de Paris de 89...”* (Jornal dos Carvalhos, 1-11-1891)

Esta fábrica foi erguida pela família Moraes, que era natural de Coimbra. A ligação a Crestuma concretizou-se através de Augusto César da Cunha Moraes, homem empreendedor a quem se devem uma série de inovações na organização do trabalho, em formas novas de laboração na tecelagem.

Unidade fabril de enorme importância na indústria do concelho e até do país, uma vez que laborava com teares e maquinaria muito sofisticada para a época, a Fábrica de Fitas e Fiação de Algodão AC Cunha Moraes participou em diversas exposições nacionais e internacionais e foi premiada com medalha de ouro na “Exposição Agrícola-Industrial de Gaya”, em 1894, com um tear movido a gás. (Guimarães, 1995: 229).

Para além deste louvor, a mesma fábrica foi premiada na Exposição de Paris realizada em 1889, bem como noutras que se podem ver no anúncio publicitário da fábrica.

Ilustração 25 – Anúncio publicitário A.C. da Cunha Moraes, Crestuma



Fonte: Anuário Comercial do Porto para a cidade do Porto, Gaia e demais concelhos do distrito, 1943

Foi recolhido um testemunho de uma antiga funcionária¹³, que era fiandeira, trabalhava no algodão, que contou que a matéria prima vinha nos barcos rabelos

¹³ Margarida Reis, antiga funcionária da fábrica em entrevista realizada a 5 de novembro de 2015. Laborou 22 anos.

pelo Rio Douro para ser transformada na fábrica. A fábrica tinha várias secções: a esfarrapadeira, a tinturaria, a serralharia, a carpintaria, a tecelagem e o armazém. Os produtos finais eram importados e exportados para Angola na sua maioria, onde a família Moraes tinha interesses económicos. Os operários trabalhavam por turnos, de segunda feira a sábado e nessa altura “picavam o ponto”. Se não o fizessem era descontado no salário. Segundo a D. Margarida, a empresa era dirigida de forma familiar, por um conjunto de pessoas de nível superior, inteligente e dedicado ao povo de Crestuma, dada a percentagem de empregados oriundos da freguesia. A fábrica empregava cerca de 300 funcionários e tinha um guarda porteiro diariamente e 24h por dia.

Segundo os censos de 1900, Crestuma tinha 1032 residentes e 1/5 destes trabalhavam nesta fábrica, o que vem demonstrar a importância sócio-económica da empresa na dinâmica local e desvendar a azáfama que ali se viveria. A Fábrica de Fitas e fiação de Algodão AC Cunha Morais abriu falência em 2007. Actualmente o edificado foi comprado e encontra-se numa fase de recuperação. (ver anexo II)

A importância da fábrica pode ser aferida a partir do que sobrou em termo de cultura popular de Crestuma, como o poema “Olá Moraes”, da autoria da D. Margarida Reis. (ver anexo VI).

Apontamentos biográficos de Augusto César da Cunha Moraes

Augusto César da Cunha Moraes estudou no Instituto industrial do Porto, onde se distinguiu pela sua inteligência e audácia, nomeadamente na atividade industrial. No seguimento do seu progresso académico, Cunha Moraes criará uma empresa em Crestuma na década de 80 no século XIX que se dedicava à produção de balões venezianos. Há poucas informações para este período, embora se saiba da existência de exemplares publicitários desta atividade. A localização foi o principal

fator que levou Cunha Morais a erguer ali uma fábrica, uma vez que a ligação mais fácil e rápida até ao Porto era feita pelo Rio Douro, e neste caso concreto, a distância estava cifrada em apenas cerca de 1km¹⁴. Talvez pelo facto de ter feito parte da direção da Companhia de Fiação de Crestuma em 1878, Cunha Morais voltou a escolher Crestuma para a instalação da fábrica, o que viria a motivar o estabelecimento da residência da família também em Crestuma, na denominada Quinta da Estrela. Esta quinta (que, em tempos, era o ex-libris de Crestuma), reconhecida pela sua beleza e pelas variedades de floricultura, e *“pode dizer-se que lhe cabe a honra de ter sido fundadora do intercâmbio social, chamado turismo, face às incontáveis pessoas que a visitaram, nacionais e estrangeiras, a justificar o enorme prestígio alcançado, que ultrapassou fronteiras”*¹⁵, afirmou colunista desconhecido no Jornal local “o Náutico” (s.d).

No início do século XX, Augusto Morais elaborou um plano para uma linha de caminho de ferro com tração elétrica entre Vila Nova de Gaia e Castelo de Paiva, mas que, todavia, não se concretizou. Augusto Morais propôs também um plano de melhoramentos da cidade do Porto em 1916.¹⁶ Em 1923, Cunha Morais chega a ocupar, por um curto espaço de tempo, o cargo de presidente da Câmara Municipal Vila Nova de Gaia, tendo sido também presidente da Secção Algodoeira da Associação Industrial Portuense entre 1930/44.

¹⁴ A título de curiosidade, a empresa possuía as lanchas Carolina e Maria Rosa, que faziam a ligação com o Porto, cujas denominações eram nomes de membros da família Morais.

¹⁵ De realçar a visita do almirante Gago Coutinho, amigo pessoal de Augusto Morais visitou Crestuma e a Quinta da Estrela em 1922. (ver anexo III)

¹⁶ Para mais informações, consultar o blogue “do porto e não só”, publicação de 25 de agosto de 2010.

e) Manuel Tavares & Irmão (fábrica do Tavares)

O percurso da rota continua pela rua da Fontinha, passando pelo casario até ao próximo ponto de paragem, a Fábrica do Tavares, como é denominado localmente.

Ilustração 26 – Interior da fábrica do Tavares, 2015



Fonte: foto da autora, 2015

Devido a uma alteração de proprietário, a fábrica de Manuel Tavares & Irmão, passou a designar-se como Fábrica do Tavares de Joaquim Fernandes Lopes.

Após recolha de testemunhos de antigos funcionários¹⁷, foi possível aferir que a “fábrica do Tavares” tinha um horário laboral fixo diurno, das 8h às 18h, e folgava ao fim de semana.

Era uma fábrica que se dedicava mais ao papel e cartão, embora tivesse também tecelagem. As máquinas trabalhavam com a força do rio Uíma, sendo que

¹⁷ Testemunhos da Sr^a Libânia, antiga funcionária da fábrica em entrevista realizada a 20 de outubro de 2015, laborou 23 anos. E da Sr^a Celeste Amorim em entrevista realizada a 27 de outubro de 2015 que laborou na fábrica 16 anos.

no verão tinham que ser ligados uns motores suplementares para as máquinas trabalharem devido à escassez de caudal. No inverno, a tecelagem parava, devido às cheias, pois as turbinas ficavam cobertas com água e não funcionavam.

Em termos de maquinaria, os testemunhos referem a existência de teares, torcedores, máquinas de cordão, amassadeiras, calandras. O produto final que mais fabricavam eram caixas de cartão de vários tamanhos para sapatos e camisas.

Na parte da fábrica dedicada à produção de papel e cartão só trabalhavam mulheres e apenas um homem operava na máquina. Era uma fábrica de pequena a média dimensão. Os trabalhadores recebiam o salário à semana.

Ilustração 27 – anúncio publicitário da fábrica de papel e cartão



Fonte: Anuário do Porto, Comercial, Industrial e burocrático, 1950: para a cidade do Porto, Gaia e Matosinhos e restantes concelhos do distrito, 1950.

O exterior da fábrica ainda está em bom estado de conservação, ao contrário do interior onde não se vê nenhum tipo de maquinaria nem mobiliário e o mesmo se encontra destruído.

f) Barbosa & Irmãos

A 50m da fábrica anterior, e do lado esquerdo da “fábrica do Tavares”, encontramos no mesmo percurso outra fábrica de papel, tecelagem e fundição apelidada localmente como a fábrica dos “Vitórias”, actualmente pertença da empresa Kayaks Elio.

Ilustração 28 – exterior da fábrica, 2015



Fonte: foto da autora, 2015

A partir dos testemunhos levantados com antigos funcionários¹⁸ da fábrica, os operários trabalhavam 48h semanais em horários diurnos das 8h às 18h, de segunda a sexta, e aos sábados das 8h às 11h. A fábrica tinha dois pisos, com tecelagem, fundição, serralharia, carpintaria e tinturaria e trabalhava com teares suíços. Só na fundição trabalhavam mais de 150 pessoas, cerca de 50 na tecelagem e umas 20 na serralharia. A fábrica exportava banda e fitas de nastro para Angola. O salário era pago ao mês e o rio não tinha qualquer influência na laboração. Em termos de maquinaria laboravam com torcedores, encartadeiras, dobadeiras e embraçadeiras. (ver anexo IV).

¹⁸ Testemunhos da Sr^a Vitória, antiga funcionária da fábrica em entrevista realizada a 12 de novembro de 2015. Laborou 30 anos; Sr^o Hermenigildo Cancela antiga funcionário da fábrica em entrevista realizada a 20 de novembro de 2015. Laborou 20 anos.

Ilustração 29 – anúncio publicitário da fábrica Barbosa & Irmãos



Fonte: Anuário Comercial do Porto, 1934

No seu interior pode ainda ver-se os fornos pertencentes à tinturaria, e as paredes em ruínas e em mau estado de conservação. A maquinaria terá sido furtada e destruída aquando do fim da actividade da fábrica.

Ilustração 30 – interior da fábrica, ano de 1975



Fonte: foto Foco, 2015

A falta de acompanhamento da tecnologia ditou o fim desta fábrica, segundo os testemunhos, a mesma não mudou a maquinaria e a produção foi entrando em decadência, contou a senhora Fernanda Castro, tecedeira na fábrica que a mesma fechou para férias e quando voltaram para iniciar e a mesma já estava em falência.

g) M. Guedes da Silva, Lda

Caminhando um pouco mais, e do lado direito, avistamos uma rampa que nos dá acesso ao rio Uíma e à parte traseira da próxima fábrica. O edifício quase inexistente não passa despercebido.

Ilustração 31 – fábrica M. Guedes da Silva em ruínas

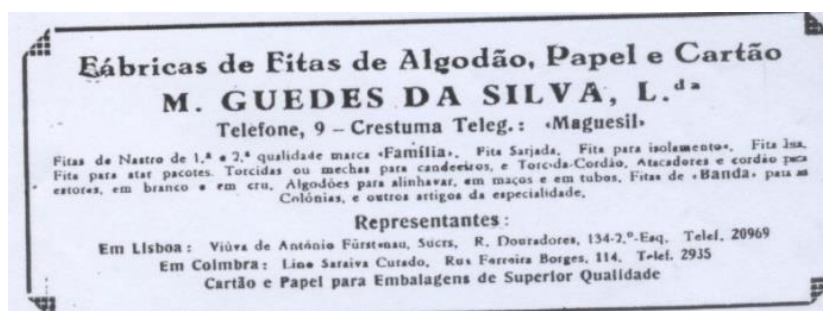


Fonte: foto da autora, 2015

A fábrica era dirigida por Manuel Guedes da Silva e outros sócios parentes e hoje teria mais de cem anos.

Quando a mesma já estava em fase de partilhas, foi comprada pela família dos Cantinhos e laborou alguns anos no nome da firma Pereiras e Barbosas, Lda. Inicialmente era composta por um andar e exerciam o mesmo ramo de actividade que a fábrica anterior, contudo elevou para três os andares existentes. Não tinham escritório físico, mas uma vez por semana um contabilista fazia a organização da contabilidade. Aproveitavam a força da água, do Rio Uíma para as turbinas e empregava entre 25 a 30 pessoas.

Ilustração 32 – anúncio publicitário da fábrica M. Guedes da Silva, Lda



Fonte: s/d – desconhecida

Em frente desta fábrica avistamos um edifício, também em ruínas, que outrora foi a fábrica F. Guedes da Silva, da qual não existem testemunhos para a sua caracterização.

h) Companhia de Fiação de Crestuma

Após a fábrica de Manuel Guedes da Silva, em frente avistamos a Companhia de Fiação de Crestuma e o fim da rua.

Ilustração 33 – vista da Companhia de Fiação de Crestuma



Fonte: foto da autora, 2012

A fábrica da Companhia de fiação de Crestuma, inicialmente denominada Companhia da Fábrica de Crestuma, foi fundada em 1854, embora tenha sido oficializada apenas em 1857, por um grupo de industriais e capitalistas da cidade do Porto: Visconde de Castro Silva, Manuel Gualberto Soares, António Ferreira Baltar e António Ferreira Braga, conforme a autora Fátima Teixeira mostra no Boletim Cultural da Associação Amigos de Gaia. (Teixeira, 2014: 16)

A fábrica da Companhia de fiação de Crestuma ficou sediada no preciso local onde outrora havia sido edificada a Fábrica de Verguinha e Arcos de Ferro. Esta havia sido vendida após decadência económica. O inquérito industrial de 1881 faz alusão a esta unidade e à sua privilegiada localização: *“Passemos agora à fiação de Crestuma... O Rio Ima, confluyente da margem esquerda do Douro, corre n’uma*

fenda abrupta no fundo da qual, está a fábrica. A de Crestuma é tocada por motores hydraulicos”. (AAVV, 1881: 172).

A Companhia de fiação de Crestuma diferenciou-se pelo fato de estar equipada com a melhor maquinaria para o efeito, o que fez com que enaltecêsse a atividade no local e lhe atribuisse rapidamente desenvolvimento e posição no mercado, muito por mérito do Comendador José Moreira Pimenta da Fonseca¹⁹, principal diretor e capitalista da referida Companhia de Fiação de Crestuma. Numa notícia publicada a 12 de Agosto de 1928, no jornal A Luz do Operário, podemos ler: *“É ali director, o nosso amigo sr. António Pimenta da Fonseca, e o maior accionista. Dedicarê-lo à fábrica de Crestuma o melhor dos seus esforços. Seu pai, o falecido Comendador Pimenta da Fonseca, foi a alma daquele colosso fabril. O filho herdou também as qualidades de trabalho do autor dos seus dias, e por isso podendo viver alheiado a cancelas, êle enfarinhou-se na rotina da fábrica e ela é uma grande parte da sua vida*”. (A Luz do Operário, 12 de agosto de 1928: 1)

A Companhia participou em várias exposições industriais com realce para a do Porto realizada em 1865, que afirmou Vila Nova de Gaia como grande centro Industrial²⁰. Esta fábrica dispunha, aproximadamente, de vinte mil fusos e de trezentos e cinquenta teares desde o início da atividade, onde se ocupavam centenas de operários. Guimarães sublinha que *“o rio era fundamental para a laboração nesta unidade, e no verão a Companhia de Fiação de Crestuma parava 3 dias por semana por falta de água*”. Guimarães (1997: 99)

Por seu turno, Ribeiro aponta que a *“pujança e a grandeza industrial da Companhia de Fiação de Crestuma era de tal forma vincada que em 1890 já se descarregavam, no seu cais da praia, junto ao Douro, mil toneladas de pó de carvão*

¹⁹ José Moreira Pimenta da Fonseca, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, foi condecorado como Comendador da Ordem Militar de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, em 1897, pelo rei D. Carlos. Foi membro da direção do Hospital Geral de Santo António. Faleceu, no Porto, na rua de Santo Ildefonso onde residia, a 8 de setembro de 1920, tendo deixado testamento

²⁰ *“A companhia de Fiação de Crestuma, uma das maiores empresas têxteis do Norte do País, possuía um vapor chamado “Crestuma” que fazia o transporte de pessoas e bens de Crestuma ao Porto e vice-versa*”. (Ribeiro, 1997: 15)

que ocupavam cerca de 40 carros de bois, e largas dezenas de trabalhadores no seu transporte para a fábrica”. (Ribeiro, 1997: 26). O mesmo autor refere ainda também que “no cais da Companhia de Fiação de Crestuma havia a casa da guarda, local por onde obrigatoriamente teriam que passar todas as mercadorias para serem pesadas e taxadas com o imposto de contribuição, a cargo de um fiscal, de seu nome João, funcionário da Câmara de Gaia, que fardava a rigor”. (Ribeiro, 1997: 10).

O jornal “A luz do operário”, em 1893, visitou a fábrica e deixou uma pequena descrição nas suas páginas: *“Vimos todas as dependências da grande fábrica. Observamos com grande admiração a enfermaria, consultório médico, estação de bombeiros, que são recrutados no pessoal da fábrica, com dormitórios decentes, casa de banho e sala de leitura... tudo muito cuidadosamente tratado, cantina e bairro operário”.*

Era uma fábrica que tinha todo o processo dentro do seu núcleo: tecelagem, serralharia, tinturaria, fundição e ainda todo o trabalho na quinta agrícola. No “Jornal dos Carvalhos” do dia 1 de Novembro de 1891 é referido que no ano de 1854 *“começa definitivamente a trabalhar na vizinha freguesia de lever a fabrica da Companhia Fiação de Crestuma, em que actualmente trabalham 300 operários”.*

Pelos testemunhos que pudemos apurar, esta fábrica trabalhava em três turnos de oito horas cada: *“Lembro-me de a fiação ter três turnos, muita gente trabalhava lá, Crestuma, Lever, Seixo-alvo, Sandim, Mosteirô e até de Canedo vinha gente. Fui para lá trabalhar com 12 anos para o segundo turno, cozer umas fitas que partiam dos contínuos e torcedores. Na primeira fazíamos do algodão fio e os torcedores torciam o fio para ficar mais forte. Os batedores eram uma secção onde o algodão em pasta era transformado em algodão fofo, e posto em vários rolos e levados para a secção das cardas, onde era transformado em fio. O fio produzido pela fiação era de grande qualidade, basta dizer que a Inglaterra era um dos fregueses de excelência, já naquele tempo tínhamos de pesar o fio que ia para os ingleses em*

*libras. O salário era pago à sexta feira em dinheiro, eu ganhava uns cento e tal escudos*²¹.

No seu testemunho, a Senhora Dores²² referiu que *“havia muito rigor no trabalho, que de oito em oito dias iam ao armazém, verificar à zona dos defeitos, se tinha lá algum rolo de pano seu com defeito, porque se tivesse pagava uma multa pelo trabalho estar mal feito”*, bem como que *“o algodão vinha em rama em camiões muito grandes e o pano saía da Companhia já pronto. Tinha tudo lá. No final do dia tinham que mostrar o rendimento do trabalho, no início colocavam uma marca e no fim mediam para ver o que rendeu. Se não correspondesse ao estipulado retiravam uma percentagem do salário, diziam que “era por conta do funcionário”*. Actualmente o edificado foi adquirido e encontra-se numa fase de recuperação para implementação de outras empresas. (ver anexo V).

Ilustração 34 – Inauguração do Busto do Comendador Pimenta da Fonseca no exterior da CFC, 1917



Fonte: foto Foco, 2015

²¹ Testemunho do Sr. Elísio Castro, antigo funcionário da fábrica em entrevista realizada a 1 de novembro de 2015. Laborou 13 anos.

²² Testemunho da Sr^a Dores, antiga funcionária da fábrica em entrevista realizada a 17 de outubro de 2015. Laborou 26 anos.

Notas conclusivas

Reconhecendo a importância dos recursos existentes no território e do turismo enquanto estratégia de preservação do património e desenvolvimento local, esta investigação teve como objetivo primeiro o contributo para o estudo do património industrial de Crestuma, que se afigura com evidente interesse histórico em qualquer escala: local, regional, nacional.

Todo o levantamento realizado, desde o estudo da revisão bibliográfica, ao estudo aprofundado do território a partir de fontes primárias e secundárias, permitiu compreender a importância de Crestuma e da urgência na preservação e recuperação do seu património, bem como o contributo que poderá ter para o desenvolvimento turístico.

Apesar das dificuldades foi possível, com evidente certeza, concluir da importância da pesquisa como base sólida para a tomada de consciência da necessidade de preservação de um património, que, talvez pela novidade do objecto temático ou, ainda, pelas dificuldades na pesquisa, não tem tido a atenção e o cuidado que merecem.

As dificuldades na demorada pesquisa e na procura de fontes fidedignas visando uma mais valia informativa foram, de certo modo, um entrave à execução de um trabalho mais coeso, mais alargado e completo, ao nível de pormenores históricos e culturais.

Foi prevalente o generoso e determinante contributo da população residente na partilha das suas memórias o que nos permitiu dissipar dúvidas e garantir uma maior veracidade dos depoimentos recolhidos. O testemunho de muitos familiares de antigos responsáveis entre patrões, chefias e operários das várias empresas referenciadas permitiu fidelizar resultados dando também garantias valorativas, aos mais diversos níveis.

Há consciência de que haverá muito mais trabalho a desenvolver visando projetar Crestuma como área privilegiada no que ao turismo industrial diz respeito. A competição nesta área, no contexto económico, exige investigação contínua para fundamentar as potencialidades deste território.

Existindo um projecto municipal em Vila Nova de Gaia designado de “Encostas do Douro”, já em execução, e que irá transformar toda a área fluvial do concelho, sobretudo na sua zona interior, mais se justifica a consciencialização de todos os responsáveis locais e regionais que se mobilizem para que não se perca esta oportunidade.

É, por isso, um trabalho ainda inacabado, uma vez que ainda há muita investigação a fazer. Num tempo de tantas dificuldades, quando tanto se fala de sustentabilidade, reutilização e de memória, talvez seja altura de utilizarmos o passado enquanto chave para futuro, tanto mais que Crestuma é um território periférico de uma área metropolitana com uma elevada taxa de desemprego, mas com uma crescente procura turística. Abundam recursos de arqueologia industrial e paisagens extraordinárias. Na nossa opinião, falta lapidar o diamante e preservar o bom que o concelho tem para oferecer com óbvias valias económicas e identitárias para o futuro.

Bibliografia

Livros e artigos

APAI, (1989-1990), I Encontro Nacional sobre o Património Indústria. Coimbra – Guimarães – Lisboa / 1986. Atas e Comunicações, 2 volumes, APAI, Coimbra: Coimbra Editora.

CHOAY, Françoise (2000). A alegoria do Património – Arte e comunicação. Edições 70.

CORDEIRO, José Manuel Lopes (1990). Inventário do Património Arqueológico- Industrial – I encontro Nacional sobre o Património Industrial, atas e comunicações, vol.II. Coimbra, Coimbra Editora.

CORDEIRO, José Manuel Lopes (1996). Empresas e empresários portuenses na segunda metade do século XIX. Análise Social- Vol. XXX. Celta Editora.

CORDEIRO, José Manuel Lopes (2000). Arqueologia e Património Industrial na zona do grande Porto. Al-madan – IIª série (9).

CORDEIRO, José Manuel Lopes (2012). Oportunidades e fragilidades do turismo industrial, nº 1. Revista Turismo e desenvolvimento. Universidade de Aveiro.

COSTA, Francisco Barbosa da, (1945); FONSECA, António Coutinho da, pref. Memórias Paroquiais: V. N. Gaia 1758.

COSTA, Francisco Barbosa da (2000). Santa Marinha de Crestuma - notas monográficas. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta de Freguesia de Crestuma.

Dicionário de língua portuguesa (Porto Editora, 2015).

“Crestuma, património e turismo industrial” - Daniela Raquel Ferreira dos Santos

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (ELBC), 1971. Lisboa. Verbo.

FOLGADO, Deolinda, (2001), Paisagem Industrial. Utopia na salvaguarda patrimonial? Margens e Confluências, nº3 dezembro, Escola Superior Artística do Porto, Guimarães.

FREIXO, Eugénio Paiva (2000). Minha Terra de asas verdes. Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Junta freguesia de Crestuma.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira – volume XI – editorial enciclopédia, Limitada. Lisboa – Rio de Janeiro (1833-1983).

GUIMARÃES, Gonçalves (1995). As fábricas e a vida económica gaiense em finais do século XIX. Contribuição para o estudo da Arqueologia Industrial de Vila Nova de Gaia. Gaia há cem anos – colóquio comemorativo centen^o Igreja do Torne (1894-1994).

GUIMARÃES, Gonçalves (1997). Memória Histórica dos antigos comerciantes e industriais de Vila Nova de Gaia – a classe operária gaiense em 1881.

MENDES, José Amado (1990). A arqueologia industrial: uma nova vertente de conservação do património Cultural. FLUC. Instituto de História Económica e Social.

MENDES, José Amado (2000). Uma nova perspectiva sobre o património cultural: preservação e requalificação de instalações industriais. Revista gestão e desenvolvimento (9).

Novo dicionário Lello da Língua Portuguesa 1996. Lello Editores.

PARDO ABAD (2008). Turismo y património industrial. Editorial síntesis.

PEIXOTO, Maria da Graça (1985). Actas das jornadas sobre o Município na península ibérica (séculos XII e XIX) – Edição Câmara de Santo Tirso – os municípios efémeros de V.N. De Gaia no período Liberal por Maria da Graça Peixoto.

PINHO LEAL, (1874), Portugal antigo e moderno- dicionário, Lisboa, 1ªedição, vol. 2. Livraria Editora de Mattos Moreira & companhia.

RIBEIRO, Barbosa (1984). Esboço monográfico de Santa Marinha de Crestuma. Edição da Junta de Freguesia de Santa Maria de Crestuma.

RIBEIRO, Barbosa (1997). Crestuma - o Douro a seus pés. Edição de autor.

RODRIGUES, Manuel, MENDES, José Amado (1999). *Associação Industrial Portuense*. História da Indústria Portuguesa, da Idade Média aos nossos dias, Mem-Martins: Publicações Europa América.

QUEIROZ, José Francisco Ferreira (2006). “A primeira Associação de Indústria Fabril Portuense e a fundição em Crestuma”- Comunicação apresentada no seminário Comemorativo dos 250 anos da Real Companhia Velha (Vila Nova de Gaia, 7 e 8 de Setembro de 2006.

SARDINHA, António (1990). Os mosteiros de Crestuma, Pedroso e Vila Cova (das Donas ?). Boletim da Associação Cultural os amigos de Gaia, volume IV.

TEIXEIRA, Maria de Fátima (2014). Companhia de Fiação de Crestuma. Cem anos de história. Publicação no boletim da Associação Cultural amigos de Gaia, nº78, 13º volume.

VITERBO, Francisco Sousa (1896). Archeólogo Português, Archeologia industrial Portuguesa – Os moinhos. Colleção Illustrada de Materiaes e Noticias. Museu Etnographico Português.

Webgrafia

- Carta de Nizhny Tagil, documento do TICCIH (The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage) de 2003, <http://www.ticcih.org/pdf/NTagilPortuguese.pdf> (consultado em 05-02-2015)
- DGPC - Direção Geral do Património Cultural (disponível em <http://www.patrimoniocultural.pt> (consultado em 05-02-2015)
- Os planos para o Porto – dos Almadás aos nossos dias – o Plano de Cunha Morais 1916. http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010_08_01_archive.html, (consultado em 12-10-2015)
- Página institucional do HPIP – Património de Influência Portuguesa. <http://www.hpip.org/def/pt/Homepage/Obra?a=2061> (consultado em 12-11-2015)
- Página institucional do Instituto cultural do Governo de Macau. <https://www.icm.gov.mo/exhibition/tc/nhintroP.asp> (consultado em 12-11-2015)
- Página oficial da EPAL <http://www.epal.pt/EPAL/menu/museu-da-%C3%A1gua/exposi%C3%A7%C3%A3o-permanente-patrim%C3%B3nio-associado/reservat%C3%B3rio-da-m%C3%A3e-d-%C3%A1gua-das-amoreiras> (consultado em 12-11-2015)
- Página oficial do bairro de Poblenou. <https://www.airbnb.pt/locations/barcelona/el-poblenou> (consultado em 12-11-2015)
- Página oficial do Eco Museu do Seixal. http://www2.cm-seixal.pt/ecomuseu/apresentacao/apres_home.html (consultado em 12-11-2015)

- Página oficial do Turismo Industrial de S. João da Madeira.
<http://www.turismoindustrial.cm-sjm.pt/contents/view/historia> (consultado em 12-11-2015)
- Página www.cracovia.net (consultado em 12-11-2015)
- Plano Diretor Municipal de Gaia (PDM) disponível em www.gaiurb.pt (consultado em 05-01-2015)
- SIPA disponível em www.monumentos.pt (consultado em 05-01-2015)
- Site institucional da Associação Portuguesa para o Património Industrial (APPI) - <http://www.museudaindustriatextil.org/appi/> (consultado a 07-03-2015)
- Site institucional do ICOMOS Portugal - <http://www.icomos.pt/> (consultado em 07-03-2015)

Inquéritos, jornais e anuários

- AAVV (1881),Relatório apresentado Exc.mo Snr Governador Civil do Districto do Porto... pela Sub-Comissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes, Porto, Typ. de António José da Silva Teixeira.
- Anuário Comercial do Porto para a cidade do Porto, Gaia e demais concelhos do distrito, 1943
- Anuário Comercial do Porto para a cidade do Porto, Gaia e demais concelhos do distrito, 1943
- Anuário Comercial do Porto, 1934
- Anuário do Porto, comercial, industrial e burocrático, 1950: para a cidade do Porto, Gaia e Matosinhos e restantes concelhos do distrito.
- Anuário Industrial, comercial e turístico de Gaia, 1985.

- Anuário Industrial, Comercial e Turístico de Gaia, de 1950
- Carta de Nizhny Tagil sobre o Património industrial, elaborada pelo organismo *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCIH, 2003)
- Diário do Governo de 28 de Maio de 1925
- Jornal “A luz do operário” de 1893
- Jornal “A Luz do Operário”, 12 de agosto de 1928
- Jornal “O Grillo de Gaya”, Maio de 1891
- Jornal dos Carvalhos 1-11-1891
- Jornal local “o Náutico” (s.d).
- Jornal público, datado do dia 14 de Setembro de 2009
- Lei de bases do património português (lei nº 107/2001 de 8 de Setembro)
- Portugaliae Monumenta Historica, vol. IDiplomata et Chartae, Lisboa, Tipografia da Academia, 1867, pp. 16 e 17, documento n.º XXV – Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Anexos

Anexo I

Listagem do Património Industrial na Lista do Património Mundial da Humanidade da UNESCO, elaborada sob orientação das listagens oficiais dos organismos ICOMOS e APPI organizada por ano de admissão.

1978

- Mina de Sal de Wieliczka, Polónia

1980

- Cidade Histórica de Ouro Preto, Brasil
- Cidade Mineira de Roros, Noruega

1982

- Centro Histórico da Cidade de Olinda, Brasil
- Da grande Salina de Salins-les-Bains à Salina Real de Arc-et-Senans, França

1985

- Ponte de Gard (aqueduto Romano), França
- Velha Cidade e Aqueduto de Segóvia, Espanha

1986

- Garganta Ironbridge, Reino Unido

1987

- Cidade de Potosi, Bolívia

1988

- Cidade Histórica de Guanajuato e minas adjacentes, México

- Trinidad e Vale dos Engenhos, Cuba

1992

- Minas de Rammelsberg e Cidade Histórica de Goslar, Alemanha

1993

- Centro Histórico de Zacatecas, México
- Cidade Histórica de Banska Stiavnica e seus monumentos técnicos, Eslováquia
- Indústrias de Fundação de Engelsberg, Suécia

1994

- Fábrica de Metalurgia de Volklingen, Alemanha

1995

- Centro Histórico da Cidade de Kutná Hora, Igreja de Santa Bárbara e Catedral de Nossa Senhora de Sedlec, República Checa
- Complexo têxtil e operário de Crespi d'Adda, Itália

1996

- Fábrica de tratamento de madeira e cartão de Verla, Finlândia
- Canal de Midi, França
- Bauhaus e seus sítios em Weimar e Dessau, Alemanha
- Centro Histórico do Porto, Portugal

1997

- Paisagem Cultural Dachstein Salzkammergut – Hallstatt, Áustria
- Rede de moinhos de Kinderdijk-Elshout, Holanda
- Las Médulas, Espanha

1998

- Linha Ferroviária de Semmering , Áustria
- Os quartos elevadores no Canal du Centre e seus arredores - La Louvière and Le Roeulx (Hainault), Bélgica
- Estação de bombeamento a vapor D. F. Woudagemaal, Holanda

1999

- Centro Histórico de Diamantina, Brasil
- Caminhos de Ferro de Montanha Índios, Índia

2000

- Paisagem Industrial de Blaenavon, Reino Unido
- Minas Neolíticas de Spiennes (Mons), Bélgica
- Monte de Qingcheng e Sistema de Irrigação Dujiangyan, China
- Paisagem Arqueológica das Primeiras plantações de Café no Sudeste de Cuba, Cuba
- Complexo Industrial da Mina de Carvão de Zollverein em Essen, Alemanha

2001

- Complexo Industrial da Mina de Carvão de Zollverein, Alemanha
- Fábricas do Vale de Derwent, Reino Unido
- Aldeia de New Lanark, Reino Unido
- Cidade Industrial de Saltaire, Reino Unido
- Área Mineira da Grande Montanha de Cobre de Falun, Suécia
- Centro Histórico da Cidade de Góias, Brasil
- Região Vitivinícola do Alto Douro, Portugal

2004

- Royal Exhibition Building and Carlton Gardens, Austrália

- Estação Ferroviária de Chhatrapi Shivaji (antiga Victoria Terminus), Índia
- Estação de Rádio de Varberg, Suécia
- Porto Marítimo de Liverpool, Reino Unido

2005

- Casa, oficinas e museu Plantin- Moretus, Bélgica
- Oficinas de Sal de Humberstone e Santa Laura, Chile
- Le Havre, a cidade reconstruída por Auguste Perret, França

2006

- Paisagem Mineira de Cornwall e de Devon ocidental, Reino Unido
- Fábricas de Nitrato do Chile de Humberstone e Santa Laura, Chile
- Ponte suspensa de Vizcaya, Espanha
- Paisagem de Agave e Antigas instalações industriais de Tequila, México
- Salão do Centenário em Wroclaw, Polónia

2007

- Cidade Mineira de Sewell, Chile
- Canal Rideau, França

2008

- Caminho de Ferro de montanha de Albula/Bernina, Suíça

2009

- Aqueduto e Canal de Pontcysyllte, Reino Unido

2011

- Minas de Rammelsberg, Alemanha
- Cidade Mineira de Roros, Noruega

2012

- Sítios Mineiros da Wallonia, Bélgica


2014

- Fábrica de Van Nelle, Holanda

Anexo II

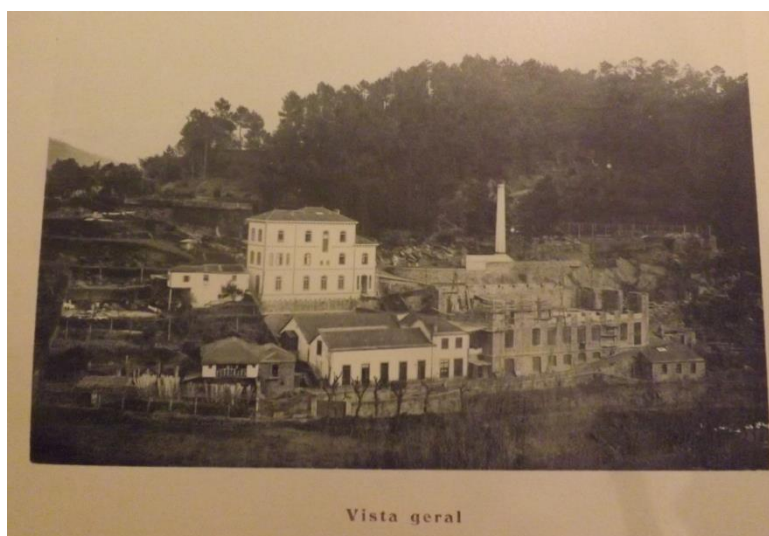
Livro cedido pela Sr^a. Odília – família Moraes, 1909



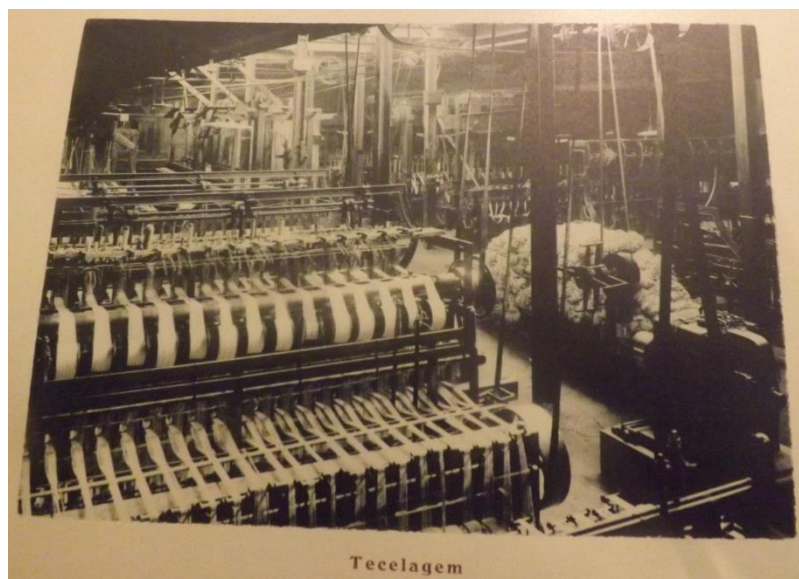
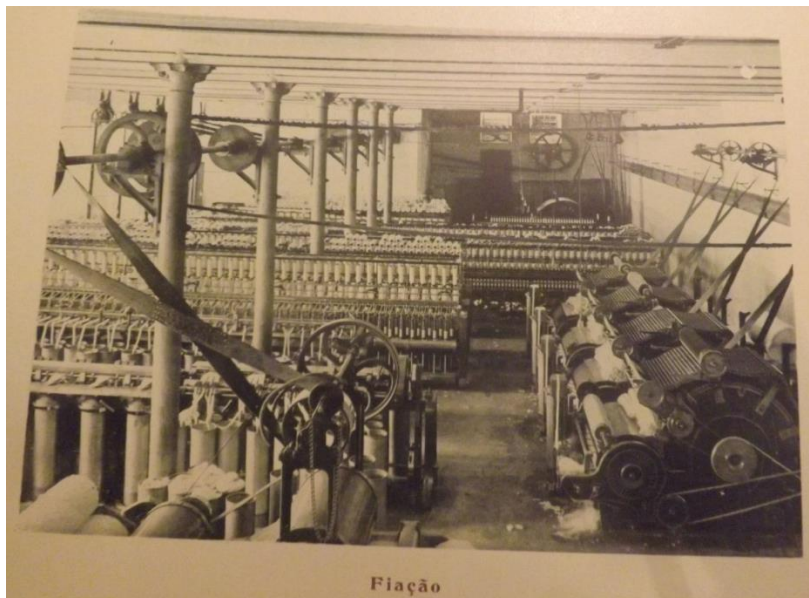
 fabrica de fitas e fiação d'algodão, fundada em 1890 por Augusto Cesar da Cunha Moraes, antigo alumno do Instituto Industrial e Commercial do Porto, está situada em Crestuma, na margem direita do rio Uima, a 100 metros da margem esquerda do rio Douro e a 15 kilometros do Porto.

Os seus productos já são bem conhecidos e apreciados em Portugal e premiados em todas as exposições a que tem concorrido.

Fabrica fitas de algodão de todas as qualidades, taes como: nastro indiano, fitas para cós, fita perciana, puchadeira, torcidas para candieiros de petroleo, atacadores, cordão d'algodão, fita vegetal para atar pacotes, fita réclame com nomes, etc., etc.

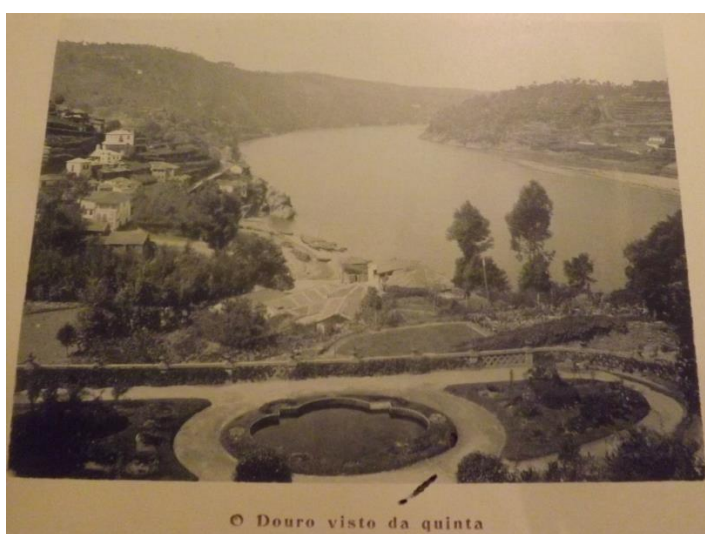


Vista geral

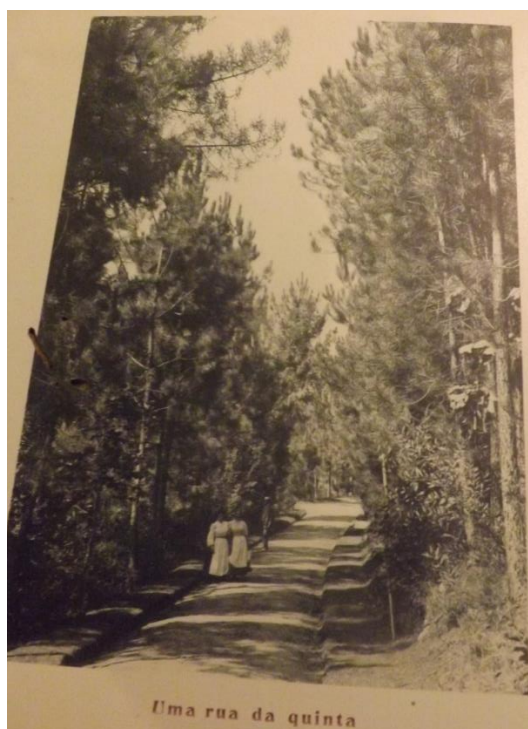




Jardim



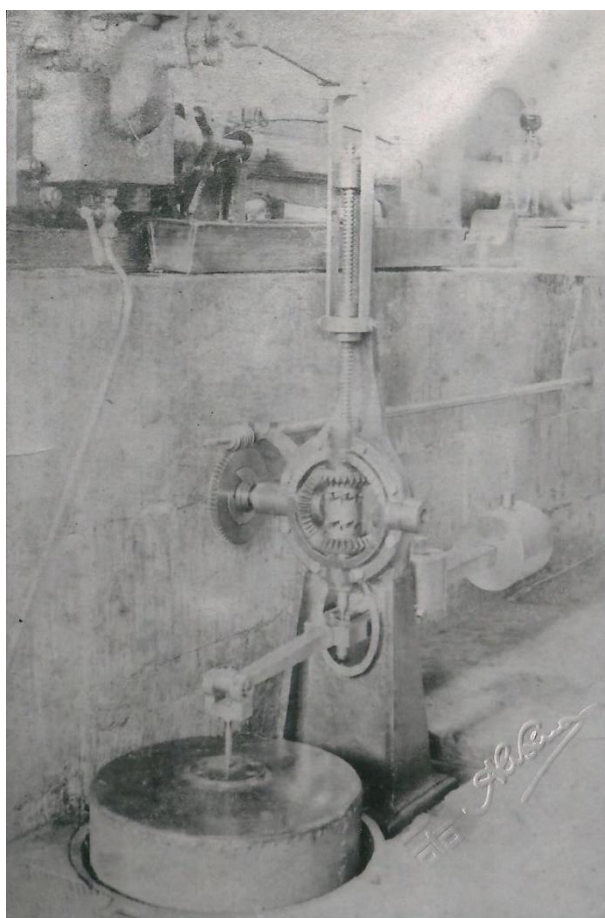
© Douro visto da quinta



Uma rua da quinta



Espaço no interior da casa da família morais utilizado para reuniões com os funcionários, 1900 – cedida por foto foco, 2015



Torno manual utilizado na AC Cunha Morais, 1910-1920 – cedida por foto foco, 2015

Publicidade à fábrica dos Morais no jornal “O comércio de Gaia” de 1965 – cedido por D. Arminda Castro, antiga funcionária.

32 O COMERCIO DE GAIA 3 - 3 - 1965

Fabrica de Fitas e Fiação de Algodão

Telefs. 980012 e 990024 CRESTUMA - V. N. DE GAIA

A. C. DA CUNHA MORAIS, LIMITADA



Algodão em trama e no furo — Algodão penteado em fio — Algodão retorcido cru, branco e em cores — Algodão para alhaves, em maças e tubos (linha de alhaves) — Alasadores e cordão de algodão — Fita de Sâncro indiana — Fita sajada fina e forte — Puzadeira, persiana e corselete — Fita para máquinas tipográficas — Torcidas ou mechas para candeeiros — Fita vegetal para atar pacotes — Lona estreita para alpergatas — Facha, bandas para as Colónias

DEPOSITAMOS — Porto: Largo de S. Domingos, 68-1.º - Telef. 24670 — Lisboa: Arco de Jesus, 49. Telef. 999100

Anexo III

Visita do Almirante Gago Coutinho a Crestuma em 1922 – cedida por foto foco, 2015



Anexo IV
Barbosa & Irmãos

Documento cedido por antiga funcionária da Barbosa & Irmãos, D. Fernanda Castro

S. R.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E SEGURANÇA SOCIAL

Decreto-Lei n.º 20/85

DECLARAÇÃO DA ENTIDADE EMPREGADORA

Quando cessar o contrato de trabalho, a entidade empregadora é obrigada, sob pena de multa, a preencher esta declaração, entregando ao trabalhador o original e guardando para si o duplicado. O trabalhador é obrigado a apresentar o original desta declaração quando requerer o subsídio de desemprego ou o subsídio social de desemprego.

I — Entidade empregadora: Número de identificação 5 0 0 0 4 1 4 4 0
(Pessoa colectiva ou entidade equiparada)
Nome Barbosa & Irmãos, Lda
Endereço do estabelecimento Crestuma - V.N.Gaia Telef. 765103
Endereço da sede Rua de S. João, 13 - Porto Telef. 25439
Actividade principal do estabelecimento Fundição de ferro e Tecelagem
Número de trabalhadores ao serviço na data do preenchimento desta declaração 120
Número de contribuinte da respectiva instituição de Segurança Social 01800054000

II — Trabalhador:
Nome Fernanda Guedes de Castro Data de nasc. ____/____/19____
Endereço Rua do Picoto, 32 - Crestuma - V.N.Gaia
Última prof. nesta empresa: Tecedeira Categoria _____
Outras profissões desempenhadas nesta empresa { _____
_____ }
Bilhete de identidade n.º _____ Data ____/____/19____ Arquivo _____
Beneficiário n.º 018610204 CRSS/Caixa/Casa do Povo de Indústria
Têxtil do Distrito do Porto

III — Contrato de trabalho:
Data de admissão 1 / 1 / 19 73 Duração do período experimental _____
Carácter com que foi contratado:
1. Sem prazo 2. A prazo 3. Tempo inteiro 4. Tempo parcial
Local de trabalho:
1. No estabelecimento 2. No domicílio 3. Outro _____
Montante da última remuneração:
De base 16.950 \$ 00
Outras remunerações _____ \$ _____

IV — Cessação do contrato de trabalho:
Data da cessação 27 / 10 / 19 86
Indemnização ou compensação paga _____ \$ _____
Motivo da cessação (bem especificado) Por haver sido declarada em
estado de falência

Ocorreu a cessação no período experimental? 1. Sim 2. Não

Observações _____

Data ____/____/19____

Assinatura da Entidade Empregadora ou IGT

Andreia

Modelo n.º 346 (Exclusivo da Agência Nacional-Casa da Moeda, E. P.)

INSTRUÇÕES

Por actividade principal deve entender-se aquela que a unidade inquirida exerce o maior rendimento, se for o caso de nela se exercer mais de uma actividade.

Adicionar o nome da instituição e riscar o que não interesse.

Marcar com x o que interessa.

Considerar como remunerações de base as indemnizações pagas em dinheiro (antes da dedução de quaisquer descontos). Considerar outras remunerações: subsídios de alimentação, transporte, custo de vida, diuturnidades, prémios de assiduidade, estímulo, responsabilidade, produção e rendimento.






Foto cedida por foto foco, 2015 – interior da fábrica num dia de trabalho, 1906-1910

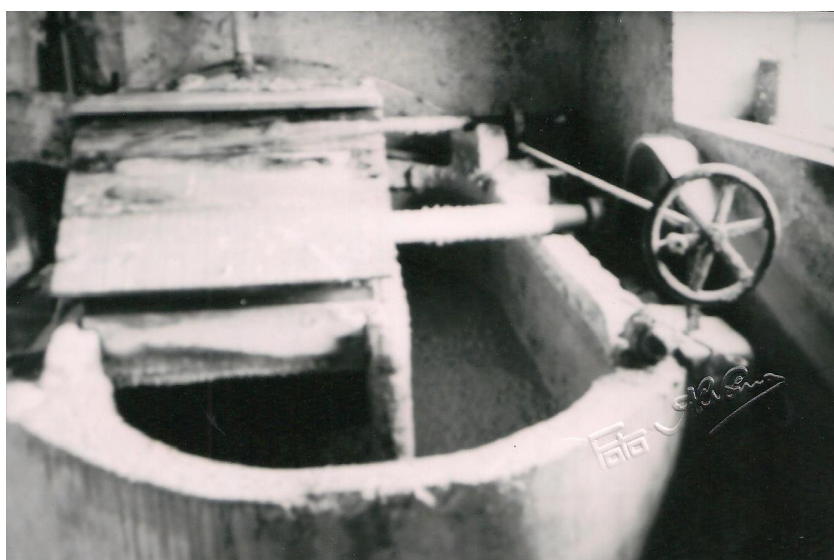


Foto cedida por foto foco, 2015 - Esmagador de papel, servia para esmagar o papel velho para fazer novo, 1916-1920

Anexo V



Foto cedida por foto foco, 2015 – Companhia de Fiação de Crestuma em 1887



Foto cedida por foto foco, 2015 – Companhia fiação de Crestuma entre 1969-1975



Foto foco – 1960 – mini barragem da CFC



Instrumento inventado na CFC para retirar água para regar as quintas e os campos, 1918 – foto foco



Servia para correr a luz – inventado na CFC – 1918 – foto foco

Anexo VI

Poema “Olá Morais”, de Margarida Reis:

*Ó fábrica do morais
Que tantas saudades deixaste
Empregavas tanta gente
E fechas-te de repente
E nunca mais trabalhaste*

*Davas o pão a ganhar
No tempo dos nossos pais
De todas as freguesias
Pareciam romarias
Para vir para o Morais*

*Desde a segunda ao sábado
Trabalhavas com três turnos
Mas havia secções
Que em todas as ocasiões
Só trabalhavam diurnos*

*Tu que tinhas os três pisos
Todos a funcionar
Mais a parte da tecelagem
E a boa camaradagem
Que agora é para recordar*

*E agora se passarmos
À parte do escritório
E depois para a cozinha
Que era do lado da fontinha
Onde tinha o refeitório.*

*Também o pronto-socorro
Era mesmo ali à beira
Com a cabine ao lado
E mais abaixo um bocado
Era a esfarrapadeira.*

*Em frente era o armazém
Onde guardavam os fardos
Que os camiões traziam
E dali se repartiam
Dali eram transportados.*

*Por cima desta os batedores
Mesmo de frente à caldeira
Ainda a carpintaria
A seguir a serralharia
Que ficava ali à beira*

*E logo ao lado desta
Tinha uma escadaria
Que tinha menos movimento
Mas que a qualquer momento
Se ia à tinturaria*

*Com a guaripa à entrada
Com o porteiro noite e dia
Agora estás abandonado
É silvas por todo o lado
Em todo canto e escadaria*

*Tinhas trolhas e pedreiros
E terrenos à maneira
E tinhas tuas biquinhas
E as ruas sempre limpinhas
Desde a entrada à palmeira*

*Agora morais só falta
Falar da coisa mais bela
Relembrar os teus jardineiros
Que passavam os dias inteiros
A cuidar da tua Estrela*

*Toda a gente a admirava
Pela beleza que ela tinha
Muito povo a visitava
Pois no sítio que ela estava
Era lá na Mouratinha*

*E agora para terminar
Digo-te adeus ó Morais
Tantos anos trabalhei
Que um dia te deixei
E foi para nunca mais.*